

Estudantes *no* Mundo Real

Vincent Cheung

Título do original:

Students in the Real World

Copyright © 2006 por Vincent Cheung. Todos os direitos reservados. Esta publicação não pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida no todo ou em parte sem prévia autorização do autor ou dos editores.

Publicado originalmente por *Reformation Ministries International* (www.rmiweb.org)
PO Box 15662, Boston, MA 02215, USA

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto.

Primeira edição em português: *Novembro de 2006*.

Direitos para o português gentilmente cedidos pelo autor ao site *Monergismo.com*.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da *Nova Versão Internacional* (NVI), © 2001, publicada pela Editora Vida, salvo indicação em contrário.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	3
PARTE 1.....	4
PARTE 2.....	7
PARTE 3.....	11
PARTE 4.....	22
PARTE 5.....	30
PARTE 6.....	41
CONCLUSÃO.....	48

Introdução

O que segue foi originalmente produzido como uma única palestra a estudantes que estavam retornando à escola, para um novo ano acadêmico. Para essa publicação, dividi o texto em vários capítulos e realizei uma revisão completa neles. Isso me permitiu desenvolver apropriadamente as idéias principais e apresentá-las numa forma mais aproveitável. Além do mais, uma seção “Perguntas e Exercícios” foi adicionada no final de cada capítulo para prolongar a atenção do leitor sobre as idéias apresentadas, e ajudá-lo a personalizá-las.

Embora a intenção geral fosse se dirigir a estudantes universitários, especialmente aqueles que estavam entrando em seu primeiro ano na universidade, muitos dos princípios e sugestões aqui sugeridos são facilmente aplicáveis a outras situações. Aqueles que estão cursando ou retornando à escola secundária deveriam ser capazes de adotar o que é dito aqui sem muita modificação. E algumas das idéias apresentadas são ensinamentos bíblicos gerais que são relevantes a crentes vivendo em qualquer estágio da vida.

Visto que a vida acadêmica ocupa muito do tempo de um estudante, no que segue atenção significativa é dada ao engajamento intelectual de um crente com o pensamento não-cristão no contexto da vida escolar. É entendido que a escola envolve mais que estudos acadêmicos, e esse é o porquê abordo também outras áreas, embora nada exaustivo possa ser esperado de um texto breve como este. Todavia, creio que o mesmo fornecerá instrução e encorajamento útil para estudantes cristãos comprometidos com o avanço do reino dos céus sobre a Terra através de suas palavras e ações.

Finalmente, visto que a audiência pretendida consiste de estudantes que seguem de perto esse ministério, o artigo espera alguma familiaridade ou pelo menos fácil acesso aos nossos materiais anteriores. Por essa razão, nem sempre há uma preocupação em apoiar alegações e explicar doutrinas que já discutimos e estabelecemos em outros lugares.

Parte 1

É frequentemente dito aos jovens que eles devem obter uma educação para se prepararem para “o mundo real”. Essa expressão comum é considerada útil quando alguém quer estabelecer um ponto, mas há muitas coisas erradas com ela, tantas que é impossível oferecer uma lista completa aqui. Assim, devemos ser seletivos quanto ao que dizer, e manter a discussão relevante para o nosso assunto.

Um problema primário com a expressão é que, num contexto como o nosso, quase nunca ela é usada para distinguir o mundo real de algo que é irreal. Em vez disso, a distinção é feita entre uma parte do mundo e outra parte do mundo que é tão real quanto a primeira. Se a educação prepara as pessoas para o mundo “real”, então em que mundo o estudante está vivendo agora? Estão vivendo num mundo imaginário? Mesmo um sonho é um sonho *real* – ele ocorre no mundo “real”. Mas a vida escolar é mais que um sonho. A expressão faz uma distinção que é baseada sobre significância e permanência percebida, e não na ontologia de realidades diferentes. Assim, ela é enganosa; de fato, a mesma contribui para uma mentalidade desastrosa.

Visto que ela é usada em vários contextos, e visto que aqueles que a usam são descuidados e imprecisos (de outra forma não a usariam de forma alguma), a expressão tem uma série de significados. Em todo caso, uma pessoa está certamente enganada se chama uma parte do mundo de “o mundo real” em contraste com outra parte do mundo que é tão real quanto a outra. Talvez a maioria das pessoas nunca considerou a expressão, e a usam por costume. Contudo, além dessa explicação, há certamente também uma medida de arrogância por detrás dela – uma pessoa é tão centrada sobre essa parte diminuta do mundo na qual vive ou sobre a qual se importa, que se refere somente a esse como o mundo “real”. A verdade é que se contássemos todos os infantes, estudantes, monges, camponeses, toda a população rural da China, e todas as pessoas excluídas pela expressão, descobriríamos que o mundo “real” é na realidade tão pequeno que a maioria das pessoas – pessoas *reais* – não estão vivendo nele.

Há uma implicação importante para a teologia. É frequentemente afirmado que os cristãos são chamados para se engajarem na cultura, de forma que é antibíblico se retirar do mundo “real”. Se há uma idéia saudável por detrás disso, ela é obscurecida pela expressão terrível. O que exatamente é esse mundo “real” do qual supostamente não devemos nos retirar? Monastérios são tão reais como qualquer outra coisa, e eremitas podem viver em cavernas e cabanas reais. É pecaminoso ser um fazendeiro onde os vizinhos mais próximos estão a milhas de distância? É necessariamente antibíblico ser um pesquisador no Pólo Sul? As coisas não são mais reais simplesmente por estarem mais próximas da cidade ou de distritos financeiros.

Uma pessoa que pensa não será influenciada por uma admoestação que descansa sobre tal expressão (ou a idéia implicada por ela), pois percebe que aquele que fala dessa forma é egocêntrico, condescendente e não muito inteligente. Quer use essas palavras ou não, ele insta para que outros se engajem no “mundo real” quando o que quer dizer é que eles deveriam entrar em *seu* mundo, a área muitíssimo diminuta na qual ele age.

Chamar a vida após a escola de o mundo “real” é um insulto aos estudantes. É minimizar a significância, lutas, responsabilidades e realizações deles. A escola é o

mundo real. Por mundo “real”, os pais frequentemente referem-se ao período de vida quando seus filhos terminam a escola e começam a ganhar o seu próprio dinheiro. Assim, os filhos descobrem que o conceito inteiro de realidade dos seus pais é baseado em ganhar a vida – somente quando alguém alcança esse estágio, a vida *realmente* começa a acontecer. Aqueles que são capazes de pensar um pouco mais profundamente começam então a desprezar o conselho dos seus pais sobre a vida. Enquanto a forma que esses pais falam refletir como eles verdadeiramente pensam, é difícil culpar os filhos por perder o respeito por eles.

À medida que me dirigir àqueles de vocês que são estudantes, não irei dizer que o que vocês estão fazendo tem significância por estar lhes preparando para o mundo real. Não, vocês estão no mundo real *agora* – vocês têm estado nele desde que foram concebidos. É verdade que vocês estão se preparando para a próxima fase importante das suas vidas, mas não estão *apenas* se preparando – vocês já estão *vivendo* no mundo real agora.

Sem dúvida, mesmo aqueles que não usam a expressão podem cometer o mesmo erro que aqueles que a usam, ou seja, mensurar a significância de um período de vida de acordo com a geração de dinheiro, ou qualquer outro padrão arbitrário ou antibíblico. A Escritura demanda que consideremos cada fase das nossas vidas como significante, pois é vivida diante dos olhos de Deus.

Por um lado, isso significa que devemos reconhecer suas realizações e não minimizar seus esforços. Por outro lado, isso também significa que devemos insistir em suas responsabilidades, requerendo que vocês pensem e se comportem corretamente *agora*, e que devemos chamar a atenção para as ramificações das suas ações, tanto para o presente quanto para o futuro. Em outras palavras, se estão nesse mundo, vocês são *cristãos* vivendo no mundo real.

PERGUNTAS E EXERCÍCIOS

- Reflita sobre sua infância e educação primária. Mesmo então você estava vivendo no mundo “real”. Quais foram alguns dos desafios que você teve que enfrentar? Como os enfrentou? Você os tratou como um cristão, e se não, o que teria feito diferentemente se fosse um cristão? Que conselho cristão você daria a uma criança ou alguém que acabou de entrar na escola?
- Reflita sobre as diferenças entre esse período e os estágios anteriores de sua vida. Você aceitou maiores responsabilidades? Quais?
- Considere as mudanças e as responsabilidades adicionais que você enfrentará no próximo estágio de sua vida. Quais podem ser? Você estará passando da fantasia para a realidade, ou haverá significativa coincidência nos assuntos que deve abordar?
- Como os estágios anteriores de sua vida te prepararam para esse período de sua vida? Como você está se preparando agora para o próximo estágio de sua vida?
- Em primeiro lugar, por que esses estágios e períodos de sua vida são definidos por fatos externos e pela sociedade, tais como infância, escola, vocação, aposentadoria e assim por diante? Há alguma justificativa para isso? Há algo que é constante em sua vida, ou algo que proceda numa programação diferente?
- Existe um princípio ou propósito abrangente que guia e une esses diferentes períodos de sua vida? Qual? De que forma você é governado por esse princípio abrangente, e de que forma você é governado por esses estágios da vida (escola, carreira, família, aposentadoria, etc.)?
- Como um não-cristão responderia essas perguntas? E o que você pensa sobre as respostas dele? Se você conclui que uma resposta de um incrédulo pode somente terminar em futilidade e desespero, como sua fé faz alguma diferença? A diferença é apenas psicológica, ou é de grande importância?
- Se você não é um estudante universitário, modifique essas perguntas de forma que possam se aplicar à sua situação presente, e então tente respondê-las.

Parte 2

Muitos cristãos professos perdem seu zelo ou apostatam da fé quando grandes transições ocorrem em suas vidas. Uma razão para isso é que quando uma pessoa entra numa nova situação que demanda seu tempo e atenção, e na qual deseja exceder, ele deve reavaliar suas prioridades. Novos itens são adicionados à sua rotina diária, e alguns antigos são abandonados. Para alguns, se Deus ao menos está na lista, algumas vezes ele é relegado a um apêndice no final. Os cristãos frequentemente enganam a si mesmos ao pensar que podem fazer tudo o mais primeiro, para então poder voltar e dar à sua fé tempo com qualidade sem distração.

Contudo, o Senhor nos admoesta a pensar na direção oposta (Mateus 6:33).¹ Assim, um dos primeiros princípios no qual qualquer cristão em qualquer fase de sua vida deve se esforçar é honrar a Deus como o centro de sua vida diária e fazer da comunhão com Deus o fundamento de todas as suas outras atividades. Você não é um estudante que está lutando para permanecer sendo um cristão nas horas vagas, mas você é um cristão que se tornou um estudante agora.

Isso parece clichê, mas é um ensino verdadeiro que deve ser implementado. Simplesmente porque você o ouviu muitas vezes não significa que está praticando-o. Estamos falando sobre mais que uma atitude, visto que isso requer que você arranje todas suas atividades ao redor de sua fé. Ela deve afetar toda decisão com respeito a como você gastará seu tempo e energia. Estamos falando sobre um modo de pensamento que governa sua vida e produz resultados concretos. Você realmente tem que agir e fazer mudanças, e deve ser óbvio quando não está fazendo isso.

Por exemplo, sua programação acadêmica deve ser construída ao redor de sua fé e abrir caminho para ela. Participar de vários cursos exigidos pode construir um currículo impressionante, e participar ainda mais de outros pode até mesmo assegurar uma graduação mais rápida. Contudo, se isso significa que haverá um sacrifício do tempo para as coisas de Deus – tais como estudo, oração, comunhão e ministério – então você deve conter suas ambições acadêmicas. Enquanto você tiver a atitude que “deixará espaço” para a sua fé em sua programação, continuará empilhando esportes, clubes, festas, e assim por diante, de forma que num belo dia você poderá ter somente dez minutos de sobra no final da noite para a oração, logo antes de cair num sono profundo.

Falando de sono, o que dizer sobre acordar uma hora mais cedo toda manhã para orar? Quando eu estava na escola secundária, levantava às 5:30h toda manhã, de forma que pudesse orar de quarenta e cinco minutos a noventa minutos antes do café da manhã. Não há uma forma mais apropriada para começar um dia. Mas não há nenhuma necessidade de imitar alguém outro ou se tornar legalista sobre isso – o ponto é que você sempre terá mais que tempo suficiente para as coisas de Deus se arrumar o tempo para elas primeiro.

Como um cristão, eu nunca estudei intensamente para um exame na escola secundária e na universidade. De fato, nunca perdi um sono por causa de algum trabalho escolar. Nunca fiz algo após a hora de dormir. Mesmo quando tinha um trabalho escrito ou um exame no dia seguinte, após gastar uma quantidade limitada de tempo nisso, eu pararia

¹ Veja Vincent Cheung, “O Reino em Primeiro Lugar.”

tudo e retornaria aos meus estudos bíblicos e à obra do ministério. Isso não é dizer que toda pessoa deve seguir esse padrão, ou que é errado estudar intensamente para exames. Exceções ocasionais que tiram o tempo da oração e do ministério podem ser aceitáveis (embora não as permita para mim mesmo), mas o crente deve se assegurar para não fazer disso um hábito, e hábitos são construídos sobre exceções repetidas até que não sejam mais exceções.

Em todo caso, eu não negligenciei meus trabalhos escolares e minhas notas. O desempenho acadêmico era parte do meu testemunho cristão, não somente diante dos homens, mas principalmente diante de Deus, visto que um crente deve diligentemente labutar nas tarefas lhe atribuídas. Eu mantive uma média de notas alta durante todos os meus anos na escola secundária e na universidade, e me graduei com honras. É sempre possível colocar sua fé em primeiro lugar e ainda obter notas acima da média; contudo, dependendo de vários fatores, tais como suas habilidades acadêmicas, você pode ter que escolher um curso e uma vida social mais manejável do que de outra forma preferiria. E se você der atenção à sua fé, ela aumentará seu desempenho em outras áreas. Deus é capaz de conceder sabedoria ao seu povo não somente quando diz respeito às coisas espirituais, mas também em “todos os aspectos da cultura e da ciência” (Daniel 1:17).²

Fé não é inteiramente um assunto particular. Há também a questão da comunhão da igreja. Se sua escola é perto de casa, então não há nenhuma necessidade de mudança. Mas se você é um estudante internato, terá que encontrar um novo lugar para a adoração e o ministério corporativo. Embora grupos e igrejas cristãs abundem em e ao redor de muitos campos, muitos deles são apáticos em espírito, confusos em doutrina, e assim perigosos para crentes novos e não instruídos. Eles não adiantarão muito para sustentar ou promover seu progresso espiritual. Assim, a menos que você encontre uma das melhores igrejas ou grupos, a única razão para frequentar é amiúde para oferecer sua assistência e encorajamento, e à medida que fizer isso, Deus energizará sua fé e lhe ensinará os seus caminhos.

É frequentemente dito que os crentes precisam de comunhão constante até mesmo para sobreviver, para não dizer crescer na fé. Aqui está outro clichê, mas desta vez é falso. Em sua providência, Deus algumas vezes ordena que uma pessoa deva permanecer sozinho. A chave está no aprendizado que um cristão nunca está verdadeiramente sozinho, pois Deus está com ele. Antes deles abandoná-lo, Jesus disse aos seus discípulos: “Aproxima-se a hora, e já chegou, quando vocês serão espalhados cada um para a sua casa. Vocês me deixarão sozinho. Mas eu não estou sozinho, pois meu Pai está comigo” (João 16:32). Devemos seguir o padrão de Cristo sempre, exceto nisso?

Algumas vezes é argumentado que até mesmo Cristo rodeou a si mesmo com discípulos para ajudá-lo em sua obra. Contudo, é óbvio a partir dos Evangelhos que exceto para ajudá-lo com alguns trabalhos práticos, os discípulos foram mais um fardo para ele do que qualquer outra coisa. Ele foi repetidamente irritado por eles e repreendeu-os por sua falta de fé e entendimento. Ele reuniu esses discípulos não porque precisava deles, mas porque eles precisam dele para ensinar-lhes, de forma que pudessem se tomar suas testemunhas e desenvolver os seus ministérios após sua ascensão.

² Nota do tradutor: “Em todos os tipos de literatura e aprendizado”, na versão do autor.

Então, as pessoas gostam de falar sobre “equipe de ministério” e a “companhia apostólica”, usando Paulo como o exemplo primário. Certamente Paulo preferia trabalhar juntamente com outros crentes fiéis, e assim deveríamos nós, mas ele também percebia que as pessoas nem sempre são confiáveis. Ele escreveu: “Na minha primeira defesa, ninguém apareceu para me apoiar; todos me abandonaram. Que isso não lhes seja cobrado. Mas o Senhor permaneceu ao meu lado e me deu forças, para que por mim a mensagem fosse plenamente proclamada e todos os gentios a ouvissem. E eu fui libertado da boca do leão” (2 Timóteo 4:16-17). Contra o que muitos ensinam hoje em dia, Paulo rejeitava a idéia de que um crente certamente cairá se permanecer sozinho.

Aqui está a diferença entre um líder e um seguidor. Não é que um líder prefira permanecer sozinho, mas que pela fé em Deus ele *pode* permanecer sozinho, e pode se desenvolver muito bem à medida que o faz. De fato, você está muito “sozinho” quando há crentes de todos os lados – considere os três mil homens de Judá que traíram Sansão para os filisteus (Juízes 15:11). Se na providência de Deus você deve permanecer sozinho, então saiba também que é capaz disso, pois ele é fiel para guardar você de cair.

PERGUNTAS E EXERCÍCIOS

- À medida que um novo acadêmico começa, quais mudanças estão acontecendo em sua vida? Existem novos problemas e novas oportunidades? Quais são, e porque são importantes? Essas mudanças são internas ou externas? São espirituais, intelectuais ou sociais? Como você está respondendo a essas mudanças? Há um princípio constante ou ponto de referência que governa suas decisões?
- Você concorda que deveria se considerar um cristão acima de tudo o mais? E é assim que você pensa sobre si mesmo na realidade? A Escritura nos ensina a treinar na fé como soldados e atletas. Você tem feito isso? Cite exemplos concretos – ações que realizou, decisões que tomou – ilustrando que de fato sua fé é sua prioridade.
- Você consegue pensar em ocasiões nas quais falhou em colocar sua fé em primeiro lugar? De que formas você comprometeu sua fé ou o tempo e atenção que dá às coisas espirituais? Cite exemplos.
- O que você pode fazer para melhorar? Não responda em termos gerais ou em termos de sentimentos e resoluções, embora esses sejam úteis, mas forneça soluções específicas desenvolvidas para a sua situação. Mencione as horas, dias da semana, durações, localidades, ações, e assim por diante. A razão para isso não é se tornar legalista, mas é porque um plano que é muito vago nunca é executado.
- Liste as igrejas e comunidades que se reúnem nos campos ou ao redor deles. Considere suas características em detalhe. Considere sua força e fraqueza, sua fidelidade à Escritura, à Grande Comissão e as oportunidades de ministério disponíveis. Considere como você se relacionaria com cada grupo. Tome tempo para orar, pensar e investigar antes de se comprometer com qualquer um deles.
- Uma “equipe de ministério” é *sempre* melhor? Quando é melhor, e quando não é? Quanto da sua idéia de equipe de ministério vem do mundo dos negócios secular? Quanto vem da Escritura?
- Considere os projetos em grupo na escola. Existem ocasiões quando você prefere trabalhar sozinho? E existem ocasiões quando você prefere trabalhar em grupo? Por quê? E por que alguns professores fazem os estudantes trabalharem em grupo de qualquer forma? Eles estão corretos?
- Quais são as diferenças entre projetos escolares, projetos comerciais e projetos de igreja ou ministério? Quais são as diferenças em crenças, propósitos e os fundamentos para unidade e cooperação?
- Existem outros clichês, quer da igreja ou do mundo, que você deveria rejeitar, redefinir ou pelo menos reconsiderar? Dê exemplos.

Parte 3

A universidade é suposta ser uma instituição para aprendizagem, pesquisa e troca de idéias. Contudo, os cristãos ficam freqüentemente desapontados com o fato de muitas dessas idéias, propagadas como conhecimento estabelecido, serem nada mais que falsas alegações e preconceitos irracionais que minam e contradizem a fé bíblica. Porque há tanta oposição contra o Cristianismo na universidade, ali é um lugar onde a sua fé será testada.

Para algumas pessoas, a pressão é tão insignificante que eles raramente a observam, enquanto outras passam por luta constante, lidando com questões que vêm de todos os lados. Alguns assumem que a universidade ensina a verdade, e desejam manter a sua fé mesmo quando as duas entram em conflito, ou tentam de alguma forma harmonizá-las. Então, inúmeros estudantes adandonam completamente sua profissão de fé. Esses são os mais tolos e indignos.

Parte da pressão que os crentes experimentam na universidade é produzida pela falsa impressão que as pessoas ali são inteligentes. Percepção é importante porque muitos cristãos superestimam os incrédulos que encontram, e assim, falham em observar as asneiras intelectuais deles. Minha fé nunca esteve sob qualquer ameaça na faculdade, visto que descobri que os estudantes e professores não-cristãos eram burros e irracionais. Manter a minha fé nao foi um problema. O desafio estava em limitar demonstrações grosseiras de desdém pela erudição deles.

Os crentes devem derivar uma perspectiva correta com respeito ao intelecto dos não-cristãos a partir da Escritura, que nos ensina que todos os não-cristãos são tolos e ímpios, e que os cristãos são os iluminados pelo Espírito de Deus e instruídos pela sua Palavra. Isso significa que, embora o crente deva ser capaz de defender sua fé, não há como um não-cristão justificar o que ele crê e como se comporta. Os não-cristãos são aqueles que deveriam ser intimidados por nós, por temor que exponhamos seu pensamento irracional e estilo de vida depravado.

Agora, quando entrando num conflito intelectual com um incrédulo, primeiro você precisa permanecer sobre um fundamento forte, e possuir uma compreensão firme de sua própria posição. Isso significa que você deve ter um entendimento correto e abrangente da teologia cristã. A Bíblia exhibe perfeita verdade e coerência, e na extensão em que sua teologia for fielmente derivada dela, ela exhibirá a mesma perfeição intelectual. Aquilo que é intelectualmente perfeito é também intelectualmente invencível. Mas se sua cosmovisão é infestada de humanismo, pluralismo, inclusivismo, empirismo, cientismo, ou mesmo Arminianismo, Calvinismo inconsistente, e outros ensinamentos antibíblicos, então ela é vulnerável a ataques.

O conteúdo da sua teologia é essencial, e você precisa mais que um entendimento superficial dela. É insuficiente meramente memorizar as fórmulas corretas das doutrinas bíblicas, mas você precisa conhecer suas garantias bíblicas bem como as relações entre essas doutrinas.³ Somente então o seu ataque e defesa podem se tornar consistentes e flexíveis ao mesmo tempo, fluindo naturalmente com a conversação sem hesitação ou compromisso. Você não ficará preso a recitar fórmulas teológicas, e não será

³ Veja Vincent Cheung, *Teologia Sistemática*.

confundido simplesmente porque seu oponente altera a linguagem de alguns antigos argumentos e objeções.

Então, você precisa de uma abordagem para o engajamento intelectual que seja tanto flexível como invencível, que possa se adaptar a qualquer situação e que sempre vencerá.⁴ Para o nosso propósito, agruparemos as principais abordagens apologéticas em duas categorias gerais.

O primeiro tipo de apologética é o evidencialismo, um nome enganoso, mas aceitável. Incluiremos tanto a apologética clássica como a evidencial sob essa categoria. Esses dois métodos compartilham similaridades suficientes, de forma que podemos discuti-los juntamente, mas há também diferenças significantes entre eles. Visto que dessa vez preferimos a conveniência acima da precisão, usaremos o termo “evidencialismo” para representar as duas escolas de apologética.

O evidencialismo tem três fraquezas principais.

Primeiro, bíblicamente falando, ele é infiel. Suas suposições, raciocínios e interações não refletem o que a Escritura diz sobre Deus, o homem, a verdade e o pecado. Mas visto que estamos fazendo apologética para defender a fé da Escritura, essa abordagem mina seu próprio propósito professo desde o início. E se a Bíblia é uma revelação da verdade, então algo que a contradiga deve ser falso.

Segundo, racionalmente falando, ele é impossível. Ele começa e prossegue com os mesmos primeiros princípios – a mesma base irracional – que os incrédulos afirmam. O não-cristão confia em sua própria sensação, mas não pode fornecer uma justificativa para o empirismo. Ele apela à sua intuição, mas não pode mostrar que a mesma reflete outra coisa que não seu preconceito subjetivo. Ele confia no raciocínio indutivo, mas não pode demonstrar sua validade racional. Ele pratica o método científico, que além de ser formalmente falacioso, depende da indução, sensação e frequentemente da intuição também.

Em conexão com isso, note que nossas três críticas contra o evidencialismo são de fato direcionadas para o método de raciocínio não-cristão. O fato é que o evidencialismo simplesmente adotou a mesma abordagem não-cristã. Este sendo o caso, essas três críticas contra o evidencialismo também destroem os argumentos que os incrédulos empregam contra a fé cristã.

Terceiro, falando de maneira prática, o evidencialismo não pode ser usado. Mesmo que ignoremos a primeira e a segunda série de problemas com o evidencialismo, na prática sua eficácia depende da credulidade do oponente. Essa abordagem pode fazer afirmações e alegações sobre “evidências” que apóiam essas afirmações, mas não pode apresentar essas evidências no momento do debate. Os dados científicos relevantes, os fragmentos de manuscritos, os artefatos antigos, e assim por diante, não estão prontamente disponíveis ou portáteis para que a pessoa possa mostrá-los ao oponente como argumentos que são feitos sobre a base dessas evidências.

⁴ Para mais sobre apologética, veja Vincent Cheung, *Questões Últimas, Confrontações Pressuposicionistas, Apologética na Conversação, e Cativo à Razão*.

Além do mais, devido às inúmeras premissas dos argumentos evidenciais, e à complexidade envolvida em estabelecer cada premissa, pode-se levar de vários minutos a várias décadas para simplesmente passar da primeira premissa em quase cada argumento usado no evidencialismo. Sem dúvida, em quase todo caso, há muitas premissas com as quais o incrédulo nunca concordará. E visto que essas premissas dependem de métodos irracionais (sensação, intuição, indução, ciência, etc.) para serem estabelecidas, o evidencialismo permite que o incrédulo obstinado mantenha indefinidamente sua resistência.

Portanto, a menos que o oponente creia cegamente no cristão com respeito a essas evidências, ou a menos que a partir da exposição anterior ele já tenha sido convencido delas (com tão pouca justificação quanto o crente agora as usa), o melhor que o evidencialista pode esperar contra um incrédulo verdadeiramente cético é um empate. Dito isso, por existir mais que o suficiente de incrédulos irracionais e crédulos, o evidencialismo tende a alcançar um sucesso maior do que merece.

O segundo tipo de apologética é o pressuposicionalismo. Essa abordagem recusa assumir primeiros princípios antibíblicos como o ponto de partida e estabelecer o caso para a fé sobre essa base. Em vez disso, o pressuposicionalismo debate esses primeiros princípios bem como a própria idéia de primeiros princípios, e recomenda a revelação divina como o fundamento necessário para todo pensamento e conhecimento, mostrando como ela autentica a si mesma e destrói todas as visões opostas.

Essa abordagem é vastamente superior ao evidencialismo. Ela se engaja com o incrédulo num nível totalmente diferente. Visto que o evidencialismo permanece sobre um fundamento irracional, o melhor que o cristão pode fazer ao usá-lo é mostrar que ele é menos irracional e o não-cristão é mais irracional. Mas tal abordagem não pode fornecer informação positiva sobre algo ou justificação para alguma alegação. Se for usado de alguma forma, sua função é negativa e o seu resultado é parcial. Por outro lado, o pressuposicionalismo alcança o próprio fundamento da racionalidade e conhecimento, e os primeiros princípios e conteúdos de verdades necessárias.

Contudo, antes de continuarmos, devemos fazer a distinção entre o pseudo-pressuposicionalismo e o pressuposicionalismo bíblico. Isso porque existe uma escola de pensamento que chama a si mesma de apologética pressuposicional, mas na realidade começa a partir de pressuposições não-bíblicas, de forma que não possui nenhuma das vantagens que se aplicam à apologética pressuposicional verdadeira.

O pseudo-pressuposicionalismo afirma que muitas das ferramentas intelectuais que os incrédulos usam são de fato racionalmente corretas, incluindo a sensação, intuição, indução e ciência. Contudo, dois problemas surgem quando as usamos. Primeiro, mesmo que essas ferramentas intelectuais realizem com confiança sua função esperada, os incrédulos não podem explicá-las, e não podem fornecer uma justificação racional para elas. Segundo, sem a revelação divina para fornecer os princípios ou pressuposições intelectuais controladoras, os incrédulos usarão essas ferramentas incorretamente, de forma que permitirão e produzirão conclusões falsas.

Existem, conseqüentemente, dois problemas fatais com o pseudo-pressuposicionalismo.

Primeiro, seus aderentes abraçam ferramentas e idéias intelectuais que são inerentemente irracionais, de forma que, mesmo que sustentem a revelação divina como o seu fundamento, ainda não podem justificá-las ou explicá-las. Assim, permanece o fato que essas ferramentas e idéias permitem e produzem conclusões falsas, de qualquer forma. E segue-se que introduzi-las em sua cosmovisão é envenenar o sistema inteiro.

Por exemplo, quando confrontando os incrédulos e até mesmos os evidencialistas, os pseudo-pseudopressuposicionalistas organizam todos os tipos de argumentos contra a certeza das investigações empíricas. Embora não digam que as sensações não podem fornecer conhecimento de forma alguma, eles insistem que os incrédulos não podem explicar a confiança deles em suas sensações, e que suas sensações no mínimo os enganam algumas vezes.

Mas após ter afirmado a revelação divina como a pré-condição necessária para todo conhecimento, eles nunca continuam para oferecer uma demonstração precisa sobre como ela explica uma confiança nas sensações ou a crença que nossas sensações fornecem uma forma basicamente confiável de obter conhecimento. Eles simplesmente afirmam que é assim, e às vezes até mesmo lançam várias passagens bíblicas que alegam apoiar o ponto de vista deles, sem realmente mostrar a relevância das passagens ou mostrar que elas de fato provam o que eles alegam que provam. Da mesma forma, eles falham em explicar ou justificar a intuição, indução e ciência, entre outras coisas.

Segundo, não somente eles falham tão miseravelmente quanto os incrédulos em justificar ou explicar a sua confiança na sensação, intuição, indução e ciência, mas até mesmo admitem que essas formas irracionais de conhecimento e raciocínio são necessárias para descobrir os conteúdos da revelação divina. Em outras palavras, embora aleguem que é a revelação que explica, digamos, nossas sensações, são as nossas sensações que nos permitem acessar a revelação em primeiro lugar.

O resultado não é apenas um círculo vicioso desintegrando numa massa de confusão e absurdo, mas pior do que isso, eles se colocam na posição exata dos incrédulos – fazem de si mesmos e da sua investigação humana o centro e a pré-condição de todo conhecimento. Eles explicitamente colocam a revelação debaixo da sensação, intuição, indução e ciência. E de muitas formas, isso é até mesmo pior que uma filosofia explicitamente anticristã que tem senso suficiente para questionar epistemologias irracionais.

É fútil afirmar que esse sistema de pensamento consiste de uma rede de crenças ao invés de um círculo autodestrutivo. A idéia é somente plausível se a sensação pode de fato acessar a revelação, e se ao mesmo tempo a revelação de fato afirma a confiabilidade da sensação. Visto que eles não podem demonstrar o último, o primeiro permanece impossível de ser explicado e justificado. Assim, não há nenhuma “rede” autosustentadora ou autojustificadora de forma alguma, visto que os vários pontos dentro dessa assim chamada rede são de fato hostis uns aos outros.

Portanto, o pseudo-pseudopressuposicionalismo apresenta um mero despiste contra os incrédulos – sua confusão é a sua única força. E ele deixa como o seu legado um dos maiores embaraços na história do pensamento cristão. Para o nosso desapontamento, essa é também a escola predominante de pseudopressuposicionalismo. Ela faz fortes alegações e tem inúmeros seguidores, mas na realidade torna a fé cristã não menos vulnerável que

qualquer outra cosmovisão irracional, visto que seu próprio fundamento é o irracionalismo anticristão.

Tal escola faz uma crítica pressuposicional do evidencialismo, mas no final faz dos princípios do evidencialismo seu próprio ponto de partida epistemológico. Ela prospera mediante a boa vontade dos crentes em pensar que eles estão submetendo todos os seus pensamentos a Cristo, sem ter verdadeiramente questionado o comprometimento deles para com princípios antibíblicos. Como o evidencialismo, ela é antibíblica, irracional, impraticável e também hipócrita. Contudo, como com o evidencialismo, por haver mais que o suficiente de incrédulos irracionais e crédulos nesse mundo, ela pode alcançar certa medida de sucesso. Em adição, a grande confusão que ela gera pode frequentemente fazer com que os incrédulos hesitem antes de perceber que a abordagem toda é nada mais que um absurdo autocontraditório.

Assim, não rejeitamos apenas o evidencialismo, mas também o pressuposicionalismo falsificado. Em vez disso, nos voltamos para abraçar um pressuposicionalismo bíblico – a abordagem que verdadeiramente afirma a revelação como o único fundamento para a racionalidade e o conhecimento. Essa abordagem pode ser corretamente designada por vários termos, cada um enfatizando um aspecto diferente dela. Para distingui-la do pseudo-pressuposicionalismo, nomes tais como fundamentalismo bíblico e racionalismo bíblico são preferidos.

Os cristãos tendem a recuar diante de qualquer coisa que venha sob o rótulo de “racionalismo”, mas aqui estamos usando a palavra num sentido literal e não em seu sentido histórico ou popular. Algumas formas de racionalismo alegam captar a verdade pela “razão” somente, e rejeitam a revelação desde o princípio. Sem dúvida, não é isso que queremos dizer por racionalismo nesse contexto. Tanto cristãos como não-cristãos têm investido a palavra com tantos significados extras, que raramente a mesma representa a mera racionalidade, mas é frequentemente entendida como falsas suposições sobre epistemologia.

Assim, por “razão” somente, algumas pessoas incluem a idéia de usar a intuição para obter as premissas necessárias, mas eles não possuem nenhuma justificação para fazer isso. É também comum identificar razão com o uso da sensação e da ciência. Esse é o porquê algumas pessoas se queixam que eu abandono a razão quando rejeito a ciência como uma forma racional de conhecer algo sobre a realidade, embora eu faça isso precisamente porque a ciência falha em passar pela mais simples análise lógica. É porque os cristãos têm aceitado também esse conceito deturpado de razão que eles evitam colocar muita ênfase sobre ela, por temor de exaltar os poderes do homem acima da revelação divina. Contudo, essa preocupação é desnecessária uma vez que tiramos a bagagem extra adicionada à razão.

Agora, a primeira definição do dicionário *Merriam-Webster* para “racionalismo” é “confiança na razão como a base para o estabelecimento da verdade religiosa.” E sua segunda definição para “razão” diz: “o poder de compreender, inferir ou pensar, especialmente em formas racionais sistemáticas.” Não há nada nessas definições que requeria de nós rejeitar a revelação desde o princípio.

Então, visto que a mente de Deus é perfeitamente racional, e visto que sua revelação é perfeitamente racional, isso significa que qualquer coisa que contradiga a revelação

divina é irracional. Dessa perspectiva, não há nada errado com identificar a revelação absolutamente com a razão – isto é, a revelação é razão com conteúdo. De fato, ao invés de adotar uma das posições tradicionais – fé *contra* razão, fé *e* razão, fé *acima* da razão, e assim por diante – tomamos a posição bíblica de que a fé *é* razão. Para evitar confusão, “razão” pode se referir ao pensamento logicamente válido sem referência a conteúdo, e “Razão” pode se referir à razão com conteúdo, isto é, a autodivulgação da mente de Deus, ou de Cristo o Logos.

A confusão em volta da palavra “razão” vem parcialmente do fato que a razão ou a lógica em si não possuem conteúdo. Em si mesma, a lógica não pode chegar a nenhum lugar nem alcançar nenhuma conclusão, mas uma pessoa deve alimentá-la com premissas para começar o processo de pensamento. E isso, por sua vez, requer uma epistemologia, uma forma de conhecer essas premissas. Talvez por causa disso, as pessoas identificam seu princípio epistemológico favorito com a própria razão. Contudo, se a epistemologia é falha – isto é, se ela supre premissas falsas, ou não pode justificar suas premissas – então a lógica apenas levará o pensador de um erro para outro.

Por um lado, o racionalismo bíblico coloca uma grande ênfase sobre a razão, mais que qualquer outro sistema de pensamento. E por outro lado, sua confiança única na Escritura como sua fonte de premissas verdadeiras significa que nenhuma ênfase forte demais sobre a revelação é possível. Começando a partir da revelação infalível de Deus, ele procede para deduzir o sistema de crença inteiro de uma pessoa, defender esse sistema de crença, e refutar todas as religiões e filosofias não-cristãs. O racionalismo bíblico recusa confiar na intuição e na sensação em sua epistemologia, pois os mesmos não podem fornecer as premissas verdadeiras necessárias para o pensamento racional. E ele recusa aceitar conclusões alcançadas pelo raciocínio indutivo e científico, pois esses são métodos logicamente inválidos de processamento de informação.

Visto que o racionalismo bíblico meramente processa e aplica a revelação divina, ele permanece simples e flexível, no fato que é ao mesmo tempo um sistema de teologia, filosofia e apologética. Diferente do pseudo-pseudoposicionalismo, por praticar uma verdadeira confiança na revelação divina, e pelo fato da revelação ser infalível, o próprio racionalismo bíblico é verdadeiro, coerente e invencível em conflitos intelectuais. E porque ele presta atenção aos seus próprios princípios básicos e aqueles dos outros, o racionalismo bíblico dá um golpe mortal no sistema de pensamento do incrédulo em cada argumento que propõe e em cada resposta que oferece. Em cada investida, golpeia severamente o fundamento do pensamento não-cristão. Repetidamente, ele expõe a futilidade intelectual e a depravação moral de tal pensamento. E em qualquer ponto na conversação, é capaz de apresentar a luz da revelação de Deus através de Jesus Cristo.

O não-cristão apela ao seu próprio modo de conhecimento, alegando que tem informação que lhe dá uma saída. Ao invés de dizer que o incrédulo meramente não pode explicar essa informação, ou que embora seu modo de conhecimento possa ser confiável, a informação é de certa forma errônea, a apologética bíblica destrói tudo desse absurdo e destrói tudo do que depende o incrédulo, tudo ao mesmo tempo, deixando-o sem ajuda e sem escusa, e sustentando o evangelho de Jesus Cristo como a sua única esperança.

Além do mais, embora seja sempre apropriado preparar-se tanto quanto possível, porque a sua única dependência é sobre a revelação e a racionalidade, o apologista bíblico pode entrar em qualquer debate contra qualquer pessoa plenamente convicto de sua vitória, mesmo sem conhecer de antemão o tipo de pessoa com quem debaterá, ou o tipo de argumentos e objeções que serão levantados.

Dito isso, porque o apologista bíblico entende a verdadeira natureza da epistemologia falsa e do raciocínio inválido, ele pode livremente selecionar argumentos de todo o campo clássico e evidencial no curso do debate. Ele não depende deles para provar o seu próprio caso, mas somente para mostrar que o incrédulo é derrotado mesmo que seus princípios não-bíblicos sejam permitidos. Em outras palavras, ele mostra que o incrédulo não pode manejar nem suas próprias armas, embora essas armas sejam impotentes em primeiro lugar. E visto que o apologista bíblico deixa claro que ele emprega esses argumentos clássicos e evidenciais para realizar uma função negativa, os mesmos nunca podem sair como um tiro pela culatra contra ele.

Agora, há outras escolas de apologética além das que consideramos acima. Por exemplo, alguém pode demonstrar a superioridade da fé cristã examinando a história, cultura e literatura. Podemos chamá-las de apologética histórica, cultural e literária. Nossos materiais frequentemente não as mencionam quando comparando as diferentes abordagens porque esses métodos nem mesmo tentam apresentar um caso racional, mas antes se focam sobre os efeitos e os sentimentos gerados pelas idéias cristãs versus as idéias não-cristãs.

Argumentos práticos e existenciais não são convincentes, e a partir de uma perspectiva estritamente racional, eles frequentemente não contribuem para nada a favor do caso de alguém. Simplesmente porque as idéias não-cristãs têm se provado destrutivas para a sociedade não significa que sejam erradas. Estabelecer esse ponto não faz nada para refutar os não-cristãos, a menos que possamos de alguma forma provar que o que é destrutivo é falso também.⁵ E mesmo que estabeleçamos o caso que as idéias cristãs têm contribuído para o progresso da ciência, educação e governo, e daí? Isso não significa automaticamente que o Cristianismo é correto ou mesmo bom.

De fato, devemos tomar cuidado para que, ao estabelecer o caso que o Cristianismo é superior de uma maneira prática e existencial, não o reduzamos nas mentes de outros a algo que é meramente prático e existencial, ou que cremos nele somente pelos benefícios práticos e existenciais. Se o reduzirmos a tal nível, então será fácil também pensar nele como substituível, tão logo algo seja inventado que seja também praticamente eficaz e existencialmente satisfatório. Se essa é a base para a fé, então até mesmo a possibilidade que um sistema de crença similar poderia ser inventado é suficiente para neutralizar qualquer alegação de exclusividade. As visões não-cristãs devem ser excluídas por necessidade lógica, e não apenas sobre o nível prático ou existencial.

Nossa alegação é que o Cristianismo deve ser afirmado porque ele é verdadeiro e racionalmente necessário. Somente o pressuposicionalismo bíblico pode argumentar a favor disso com sucesso, e, portanto, essa é a nossa abordagem principal, e a única

⁵ A definição do que é destrutivo também é um problema, visto que requer um padrão absoluto de medida, de forma que alguma vez que consigamos defender uma definição da palavra, já teremos estabelecido a fé cristã.

necessária para alguém usar quando discutindo com os incrédulos. Os argumentos a partir de outros métodos podem ser empregados como adições opcionais para fazer nossa apresentação subjetivamente mais convincente aos incrédulos, enquanto deixando claro que não consideramos o Cristianismo como verdadeiro sobre a base desses argumentos opcionais, inferiores e até mesmo racionalmente irrelevantes. O único valor lógico que eles fornecem é expor a autocontradição dentro dos sistemas não-cristãos.

De fato, porque a apologética clássica e evidencial não pode se auto-sustentear, e porque o pseudo-pseudopressuposicionalismo se auto-destrói, a apologética bíblica é a única abordagem que dá uma plataforma segura para esses argumentos clássicos, evidenciais, práticos e existenciais. Precisamente porque não dependemos deles e não alegamos muito a favor deles, os mesmos podem ser agora usados de maneira plena sem destruir nosso caso ou comprometer nossa integridade intelectual.

PERGUNTAS E EXERCÍCIOS

- Quando defendendo a fé contra incrédulos, eles lhe dão algum problema? Que tipo de pessoas são eles – estudantes, professores, pais? Em que contexto você conversa com eles sobre o evangelho? Que tipo de argumentos você usa para desafiar a fé deles?
- Por que você acha algumas dessas objeções difíceis de responder? É porque você consciente ou inconscientemente simpatiza com algumas das suposições antibíblicas por detrás dessas objeções, de forma que não pode ver a natureza falaciosa delas? O que são essas suposições antibíblicas? Por que você simpatiza com elas? O que você pode fazer sobre essa simpatia pecaminosa para com o pensamento antibíblico?
- Como você percebe esses incrédulos? Você os considera como inteligentes, corretos e compassivos, sendo que apenas não aceitaram o evangelho ainda? É isso o que a Escritura diz sobre os incrédulos? O que ela realmente diz sobre eles? E por que você tem sustentando uma estimacão antibíblica dos não-cristãos? Se a Escritura não ensina tal coisa, quem lhe ensinou?
- Ao examinar o que a Escritura realmente diz sobre os incrédulos, como essa informação influencia sua percepção deles? E como isso, por sua vez, influencia a forma como você interage com eles e o fato de ser intimidado por eles ou não?
- Quais as diferenças entre a apologética clássica e a evidencial? Mencionamos que existem problemas insolúveis com ambas as abordagens, mas das duas, qual é superior? Por quê?
- Examine as várias versões do argumento cosmológico. Elas empregam diferentes pontos de partida? Por quê? Quais problemas os apologistas estão tentando evitar com a seleção desses pontos de partida? E quais particularidades nessas premissas eles estão tentando evitar? Eles são bem sucedidos nisso?
- Obtenha pelo menos duas apresentações completas do pseudo-pressuposicionalismo. Use somente os melhores argumentos de seus proponentes principais e mais confiáveis. Leia-os e então os refute. No processo, considere o que eles dizem sobre sensação, intuição, indução e ciência tanto antes como depois deles afirmarem o presuposicionalismo como a solução. O assim chamado presuposicionalismo deles é capaz de responder os próprios argumentos que eles usam contra o evidencialismo? Ou ele é desmoronado sob as mesmas críticas? Explique e demonstre suas conclusões.
- Localize um debate escrito ou a transcrição de um debate oral entre um ateuista e um pseudo-pressuposicionalista. Preferencialmente, ambos devem ser os representantes mais bem considerados e consagrados em seus campos.

Você descobrirá que o ateuista perde o debate. Ao mesmo tempo, visto que seu oponente é um *pseudo*-pressuposicionalista, você descobrirá que a derrota dele não é tão decisiva como você poderia preferir ou esperar. Você pode descobrir que o crente permite seu oponente usar muitas suposições falsas. Isso é devido ao fato que, sendo um *pseudo*-pressuposicionalista, ele também compartilha muitas dessas suposições antibíblicas. De fato, em alguns contextos, tais como quando ele tenta refutar o racionalismo bíblico, ele pode admitir que essas suposições antibíblicas procedem até

mesmo epistemologicamente de suas pressuposições cristãos, que ele precisa delas em primeiro lugar para conhecer o Cristianismo.

Visto que o ateísmo é tão fácil de ser derrotado, o cristão pode sempre ter a supremacia, mas a fraqueza e inconsistência que você percebe vêm das contradições internas do pseudo-pressuposicionalismo. Com esse entendimento, analise o debate novamente e desenvolva argumentos e refutações melhores do que aqueles oferecidos pelo pseudo-pressuposicionalista.

Então, volte sua atenção para o pseudo-pressuposicionalista e refute-o. Se ele é verdadeiramente um pseudo-pressuposicionalista, você será capaz de refutá-lo tão rápida e completamente quanto o fez com o ateuista. Contudo, o ateuista não é capaz de realizar tal refutação, visto que ele está preso às suas próprias pressuposições antibíblicas, as mesmas que o pseudo-pressuposicionalista afirma. Uma vez que você abandona essas falsas premissas, você é capaz de refutar ambos os lados com igual facilidade. Dito isso, um incrédulo que está disposto a sacrificar sua própria reivindicação de racionalidade pode provocar uma destruição mútua quando debatendo com um pseudo-pressuposicionalista que compartilha as mesmas suposições antibíblicas.

- Como você usa a palavra “razão”? O que você quer dizer por ela? Considere como você usa a palavra em discussões teológicas e filosóficas. Você encontra alguma bagagem antibíblica e suposições desnecessárias em como você a usa? Algumas pessoas assumem uma teoria completa de epistemologia com a palavra. Você pensa que elas estão cientes disso? E você pensa que elas podem justificar isso? Quais os problemas com essa atitude?
- O que é apologética bíblica, pressuposicionalismo bíblico, fundamentalismo bíblico ou racionalismo bíblico? Explique sua base teológica e bíblica. E explique como ele procede na prática, num debate real. Note se o seu entendimento dessa abordagem é muito mecânico, e se você está reduzindo-o a uma mera fórmula, a ser memorizada e recitada. Essa é uma falha comum que impede o uso eficaz da apologética bíblica.
- Inicie debates informais contra pelo menos dois incrédulos. Tente manter seu lado do debate amigavelmente e sem qualquer estilo retórico. O aspecto retórico do debate é um estudo legítimo, mas dessa vez estamos preocupados com o lado estritamente racional da apologética. Se você debater somente com dois incrédulos para esse exercício, é preferível escolher um ateuista, e o seguidor de uma religião não-cristã. Então, avalie seu desempenho. Se você falhar em obter uma vitória devastadora sem qualquer tensão ou esforço, se for requerido mais de 3 a 10 segundos para desenvolver uma refutação para cada um dos argumentos do oponente, não importa quão complexo, ou se você hesitar em ao menos uma das objeções do incrédulo, é altamente recomendado que você reveja nossos materiais sobre apologética bíblica.⁶
- Cite ou encontre exemplos de argumentos que estão fundamentados em outras abordagens para a apologética, a partir de argumentos que se preocupam com história, cultura, literatura e outras áreas. Refute-os. Você deverá perceber que eles não podem resistir a mais simples análise racional quanto a sua validade ou mesmo relevância.

⁶ Veja Vincent Cheung, *Questões Últimas, Confrontações Pressuposicionalistas, Apologética na Conversação, e Cativo à Razão*.

Como uma defesa da fé cristã ou uma prova dela, você deve ser capaz de aniquilar cada um desses argumentos em 3 a 5 segundos.

- Considere o que acontece quando um apologista enfrenta um incrédulo usando primariamente um desses métodos. Como progrediria um debate entre eles? Também, considere o que acontece quando um pseudo-pessuposicionalista adota esses argumentos. O que acontece em termos da racionalidade e consistência do seu sistema? O que poderia acontecer a ele no debate? Agora considere como um apologista bíblico considera esses argumentos. Ele os considera necessários? Se não, encontra algum uso para eles? Como ele os usaria? Que efeitos ele pode produzir com eles? Eles sairão como um tiro pela culatra? Explique sua resposta.

Parte 4

Nossa abordagem apologética deve ser racional e bíblica, e o racionalismo bíblico é a única opção. O capítulo anterior, contudo, não incluiu uma explicação da apologética bíblica ou instruções práticas sobre como aplicá-la, e nem entraremos em detalhes sobre isso agora. O motivo é que tais coisas foram discutidas extensivamente em outras publicações, e vocês devem estudá-las e revisá-las.⁷

Sem repetir o que já disse em outros lugares, adicionarei algo aqui que será imensamente útil para o apologista bíblico novato. Estou me referindo às deficiências de um entendimento e prática mecânicos da apologética, incluindo o uso de fórmulas em conversações e debates.

Algumas pessoas me perguntam se eu poderia sumarizar para eles tudo que precisam saber sobre a apologética bíblica em dois ou três parágrafos, ou reduzir minha abordagem inteira a uma breve lista de pontos principais. Na realidade, a abordagem pode ser significativamente descrita em poucos parágrafos, mas é óbvio que esses indivíduos não querem um sumário porque desejam reduzir o que entendem de uma forma conveniente, mas porque desejam estudar um sumário a fim de poder entendê-lo e usá-lo em primeiro lugar. Contudo, um breve sumário deixa de fora tanto detalhes, incluindo os argumentos que apóiam as premissas afirmadas, que ele ofereceria uma ajuda limitada a alguém que já não entenda essa abordagem para a apologética. Tal sumário não pode capacitar uma pessoa que está confusa sobre a abordagem a entendê-la e implementá-la.

Para traçar um exemplo a partir de outro sistema de apologética, considere o argumento cosmológico. Mesmo com algo como isso, a questão não é apenas memorizar os passos. Uma pessoa deve entender os princípios por detrás dos argumentos, e como defender cada premissa. Cada oponente é diferente, e podem existir objeções diferentes a cada passo, ou essas objeções podem ser apresentadas de formas diferentes. Uma pessoa que meramente memoriza os passos e as palavras pode facilmente se perder numa conversação ou debate.

Algumas pessoas submetem seus próprios sumários e paráfrases para a minha aprovação. Embora o esforço seja recomendável, eles sofrem de inexactidões significantes, e geralmente são muito mecânicos. Na maioria das vezes, suas tentativas denunciam sua falha de captar a essência dessa abordagem. Como sempre insisto, ela não consiste de uma fórmula ou uma série de passos, mas de uma combinação de um corpo de conhecimento e uma forma de pensamento – isto é, conhecimento bíblico e pensamento racional.

Esse corpo de conhecimento é aquilo que defendemos, e com o que atacamos. Essa forma de pensamento é o que governa nossa aplicação desse corpo de conhecimento em nossa interação com idéias antibíblicas. Visto que o que é bíblico é racional também, podemos simplesmente dizer que a essência da apologética bíblica é o modo bíblico de pensamento. O que parece ser “passos” reconhecíveis em minha apresentação dessa abordagem são as manifestações e não sua essência. Em outras palavras, como ela é apresentada pode variar dependendo do contexto, tais como tipos de idéias que estamos procurando contra-atacar.

Esse é o porquê o racionalismo bíblico carrega poder e flexibilidade ilimitada no debate quando é corretamente entendido e praticado. Não importa se é num diálogo escrito ou num

⁷ Veja Vincent Cheung, *Questões Últimas, Confrontações Pressuposicionalistas, Apologética na Conversação, e Cativo à Razão*.

debate oral. Não importa como a conversação começa ou onde chega. Não importa se o oponente é uma criança ou um adulto, um novato ou um *expert* num campo. Não importa se o sistema de crença do oponente é estranho, desconhecido ou randomicamente inventado – o apologista bíblico adapta-se à medida que o debate prossegue. Ele pode usar o que tem disponível para vários propósitos. Ele pode trazer para a conversação o que entende a partir de outros campos para construir argumentos secundários ou *ad hominem*, ou pode saber nada senão a Cristo crucificado. Em todo caso, a sua vitória está assegurada.

Algumas vezes uma pessoa estuda nossos materiais e começa a praticar a apologética bíblica com grande sucesso, mas então tropeça diante de um argumento ou objeção particular de um incrédulo. Ele subitamente não sabe como proceder, como se a apologética bíblica não se aplicasse a *esse* desafio. Em todo caso, e não importa por qual razão, o problema é que a pessoa parou de aplicar o modo bíblico de pensamento.

Consideremos uma ilustração a partir da perspectiva de um incrédulo. Considere a moralidade de um relativista, que diz que não existe nenhum padrão absoluto de bem e mal, mas que tudo é “relativo”. Um desafio típico seria: “Então, o assassinato pode ser bom também, e o estupro pode não ser mal.” Em si mesma essa resposta não apresenta nenhuma refutação lógica do relativismo, mas somente uma das suas implicações. O relativista teria que dizer apenas, “Tudo bem”, e continuar. Todavia, alguns relativistas tropeçam – não porque o relativismo foi refutado, mas porque ele parou de pensar como um relativista. Sem dúvida, o relativismo é falso e pode ser refutado, mas o ponto é que o relativista não precisa perder o debate *aqui nesse ponto*, isto é, se ele simplesmente continuar a pensar como um relativista.

Aplique isso à apologética bíblica. Algumas objeções fazem com que apologistas bíblicos iniciantes tropecem, não porque elas refutaram a cosmovisão bíblica, mas porque desviaram temporariamente esses cristãos do pensamento consistente com a cosmovisão bíblica. A diferença é que, enquanto o relativismo é falso e será desmoronado sob análise racional, a cosmovisão bíblica é perfeita, e exibe maior e maior brilho quanto mais for escrutinizada. Isso pode ser demonstrado, contudo, somente se o apologista persistir num modo bíblico de pensamento, não importa quais questões e objeções sejam levantadas.

Talvez alguns daqueles que são muito rígidos com a apologética bíblica cometem o engano de pensar que os próprios argumentos são um corpo de conhecimento. Eles deveriam estar perguntando, “O que deveria informar meu pensamento? E o que deveria dirigir meu pensamento?” – é a revelação que informa (ou fornece o conteúdo correto para o pensamento), e é a razão que dirige (ou assegura a validade no pensamento). Mas em vez disso, eles tendem a perguntar, “O que eu deveria dizer para responder *essa* questão, *essa* objeção?”.

Eles tendem a memorizar respostas quando deveriam aprender o corpo de conhecimento e a forma de pensamento da qual todas as respostas emanam. E esse é o porquê eles deveriam perguntar o que dizer para um desafio particular, mas quando encontram até mesmo uma variação leve da mesma coisa, eles devem voltar a perguntar novamente. Talvez respostas memorizadas e fórmulas convenientes forneçam um senso de segurança, mas isso é enganoso, pois se dependerem dessas coisas, eles de fato se tornarão mais propensos ao fracasso no debate.

Após a advertência e explicação acima, pode parecer irônico que irei apresentar agora uma fórmula para uso limitado na apologética. Contudo, é precisamente porque estou a ponto de

apresentar esta fórmula que os comentários precedentes são necessários, visto que muitas pessoas são propensas demais a se tornarem mecânicas na conversação e no debate sobre a fé.

Embora fórmulas nunca devam ser necessárias, há pelo menos dois usos aceitáveis para elas.

Primeiro, fórmulas podem ajudar o apologista iniciante e o menos hábil. A fórmula que estou a ponto de lhes dar ajudará a começar e sustentar uma análise lógica do seu oponente no debate. Ela lhe dará algo confiável ao qual recorrer, e assim aumentará sua confiança. Mas tenha em mente que no final das contas, dependência de qualquer fórmula impedirá o desenvolvimento de uma pessoa, e assim, é melhor ser desacostumado do seu uso.

Segundo, o uso deliberado de uma fórmula num debate pode servir para humilhar um oponente. Isto é, uma forma de expor a tolice de uma filosofia não-cristã e a facilidade com a qual um cristão pode refutá-la é derrotar um não-cristão através do uso óbvio e repetido de uma simples fórmula. Isso demonstra que as suas crenças não podem permanecer diante de uma análise racional, e que ele não pode responder nem mesmo as questões mais básicas, coisas que até mesmo um bebê pode perguntar. Essa prática também torna fácil para os observadores perceberem a inferioridade da posição do incrédulo.

Então, outra razão pela qual desejo apresentar uma fórmula é para mostrar como deve ser uma boa fórmula. Dado que é frequentemente um engano usar fórmulas em debates, o problema é ainda mais agravado quando essas fórmulas são longas, complicadas e inflexíveis. Há argumentos que requerem uma configuração perfeita – um oponente atento que não interrompa, um ponto de partida apropriado para a conversação, e um processo passo-a-passo de um item para outro na ordem prescrita. Se o argumento tem alguma força, ele é neutralizado quando o oponente objeta à premissa no meio da apresentação, de forma que o debate todo se torna desviado do assunto.

Em contraste, a fórmula que introduzirei abaixo é simples, flexível e robusta. De fato, ela pode funcionar no meio do caos total. Além do mais, exceto pela fórmula em si, não existe nenhuma informação para memorizar. Dito isso, ela tem limitações importantes, mas discutiremos as mesmas mais tarde.

E aqui está a fórmula: “E aí? Por quê? Verdade?”. É isso. Essa é a fórmula inteira. Ela é simples, mas poderosa. Embora haja somente três palavras⁸ nela, usando nada senão essas três palavras, qualquer crente com qualquer aptidão pode esmagar qualquer estudante, qualquer professor e qualquer variedade ou combinação de não-cristãos.

A palavra “E aí?” refere-se à *relevância*. Se você parasse para considerar todas as objeções contra o Cristianismo que tem encontrado, poderia ficar surpreso ao descobrir que muitas delas são irrelevantes ao debate. E mesmo quando o tópico pode ser relevante, os incrédulos frequentemente falham em mostrar essa relevância. O mesmo problema de irrelevância ocorre quando eles apresentam o caso para suas próprias posições. Portanto, uma forma de neutralizar seus argumentos e objeções é questionar a relevância do que é dito, e demandar que o oponente mostre essa relevância.

A palavra “Por quê?” refere-se à *justificação*. Muitas declarações apresentadas como argumentos são de fato somente afirmações. Você deve perguntar ao oponente porque suas

⁸ No do tradutor: No inglês, “So? Why? Really?”.

afirmações são verdadeiras. Em resposta, é provável que ele dê outra série de afirmações injustificadas, de forma que você precisará perguntar “por quê?” de novo. Mas note que as outras duas palavras também estão disponíveis a você. Você pode perguntar. “E daí?” – isto é, você pode questionar a relevância entre as duas afirmações ou série de afirmações, e demandar que seu oponente mostre essa relevância. Mas com apenas essas duas palavras, você pode expor o fato que a posição do oponente carece de qualquer tipo de justificação, e que não somente suas objeções são irrelevantes, mas até mesmo as proposições dentro da sua cosmovisão são irrelevantes umas para com as outras.

A palavra “Verdade?” refere-se à *validade*. Nesse contexto, validade não se refere à verdade de uma posição, mas à forma correta de um argumento. Um argumento “válido” é um no qual a conclusão procede das premissas por inferência necessária – isto é, as premissas *devem* produzir logicamente essa conclusão, e essa deve ser a única conclusão possível dada as premissas. Portanto, a pergunta “Verdade?” é apresentada contra a relação entre as premissas e as conclusões. Assim, quando você pede justificação para uma afirmação feita por um incrédulo, e ele lhe dá um argumento para apoiar essa afirmação, então além de questionar a relevância do argumento, você deve questionar também se ele é logicamente válido. Raciocínios a partir da intuição, sensação, indução e o método científico são todos inválidos, visto que todos eles procedem em saltos lógicos, e nenhuma de suas conclusões são alcançadas por necessidade lógica.

Essas três palavras se aplicam a todos os argumentos não-cristãos, tanto aqueles que atacam a fé cristã como aqueles que defendem as posições não-cristãs. Como tal, a fórmula pode servir tanto a propósitos ofensivos quanto defensivos na apologética. Visto que os argumentos e objeções dos não-cristãos nunca são consistentemente relevantes, justificados e válidos, qualquer coisa que eles digam na conversação ou debate será rapidamente esmagado por essas três palavras. De fato, até mesmo uma dessas três palavras pode destruir todos os sistemas de crença não-cristãos. Nenhum deles pode continuar a resistir a uma pressão persistente para mostrar relevância, justificação ou validade.

Agora, com tudo o que tenho dito contra as fórmulas, se esta pode derrotar todos os argumentos e objeções não-cristãs, então ela não é uma boa fórmula? Deveríamos fazer dela uma parte regular da nossa apologética? A resposta é que quase qualquer coisa pode derrotar os argumentos e objeções não-cristãs, e o fato que algo funciona não faz do mesmo uma solução boa ou completa. Ao invés de apontar para o mínimo, devemos nos esforçar para sermos completos em nossa refutação dos sistemas de crença não-cristãos, destruindo completamente tudo no que eles crêem, e então devemos apresentar fielmente a cosmovisão bíblica total.

As três palavras nessa simples fórmula nos lembram sobre as perguntas que devemos fazer durante uma conversação ou debate. Algumas vezes quando cristãos se deparam com argumentos antibíblicos, eles tendem a ser levados por aquilo que sentem “certo” para eles. Se não podem sentir nada errado, então não sabem como responder. Isso acontece frequentemente com aqueles crentes cujas mentes não foram renovadas pela teologia correta. A fórmula lembra-os de serem deliberados ao examinar o argumento para relevância, justificação e validade.

Por outro lado, o apologista bíblico habilidoso possui reflexo intelectual superior. Visto que seu pensamento tem sido treinado para seguir profundamente caminhos bíblicos e racionais impregnados, sua percepção é mais rápida e clara, e ele naturalmente apresenta argumentos e

contramovimentos mais fortes. Ele faz como se por instinto aquilo sobre o que o iniciante precisa deliberar. Esse é o porquê ao invés de ficar satisfeito com uma fórmula decente, o apologista bíblico deve se esforçar para fazer da sua arte um reflexo natural.

Além do mais, a fórmula dada nesse capítulo não inclui nenhuma informação real, tais como a visão bíblica da metafísica, epistemologia, ética, soteriologia, ou qualquer outra doutrina. É possível desenvolver uma fórmula mais complexa que inclua algo dessa informação, mas é certo que o pleno escopo e profundidade do racionalismo bíblico nunca pode ser reduzido a uma fórmula manejável. Aquela apresentada nesse capítulo é nada mais que uma forma conveniente de lembrar um aspecto menor da apologética bíblica.

Sem dúvida, mesmo quando usando essa fórmula, o crente deveria usualmente variar suas expressões. Ele poderia continuar dizendo, “E aí? E aí? E aí?”. Mas a menos que ele esteja tentando humilhar seu oponente pelo uso óbvio de uma linha de questionamento rígida, ele deve demandar prova de relevância de outras formas. Por exemplo, ele poderia dizer, “Como isso é relevante para o debate?”. Ou, “Mesmo que esse ponto esteja correto, como ele refuta o Cristianismo?”. Ou, com a questão da validade, ele pode dizer: “Eu pedi para você justificar sua afirmação e você me deu um argumento, mas sua conclusão não procede realmente de suas permissas. Simplesmente porque A e B são verdadeiros não significa que C seja verdadeiro”.

Eu não posso enfatizar o suficiente a necessidade de ser desprendido do uso de fórmulas e táticas rígidas na apologética. A força e a beleza da abordagem bíblica é liberada somente quando nos movemos de pontos principais e respostas memorizadas para onde podemos manter interação natural com incrédulos usando um modo bíblico de pensamento. O que chamamos de racionalismo bíblico é apenas outro nome para a mente de Cristo, e quando interagimos com os incrédulos a partir da mente de Cristo, nossos encontros com eles terão menos a ver com métodos e técnicas, mas para eles se tornará mais e mais como uma conversação real com o Senhor Ressurreto. O apologista bíblico é alguém que pensa como Cristo, não apenas alguém que memorizou técnicas e respostas.

PERGUNTAS E EXERCÍCIOS

- Você tem o desejo de reduzir a apologética bíblica a uma forma simplista? Por quê? Você deseja isso por conveniência, por um senso de segurança, ou por alguma outra razão? Quais são as vantagens de tal sumário? Quais são as desvantagens e armadilhas potenciais? Algum sumário é suficiente? De que formas uma supersimplificação pode ser enganosa e auto-destruidora?
- Você já ficou alguma vez embaraçado por um argumento ou objeção não-cristã? Qual foi a natureza da dificuldade? Você teve problemas por falta de informação? Você poderia ter respondido e derrotado o não-cristão de qualquer forma, mesmo sem essa informação? Como? Se foi por alguma outra razão, qual foi?
- A fórmula simples apresentada nesse capítulo é capaz de refutar cada página de cada livro-texto não-cristão do seu currículo inteiro. Para colocar de outra forma, embora a revelação bíblica possa resistir à análise, a fórmula pode destruir todas as reivindicações humanas ao conhecimento em tudo da história. Há vários exercícios que você pode realizar para demonstrar e aplicar isso.

Abra um dos seus livros-texto numa seção onde ele apresenta uma alegação de algum tipo, preferencialmente uma que seja amplamente endossada e apoiada por argumentos. Assegure-se que você leu tanto quanto necessário para entender o contexto. Usando somente as três palavras na fórmula, refute-a. Se você é um iniciante, deverá ser capaz de fazer isso dentro de 3 a 10 segundos. Qualquer apologista bíblico com um nível normal de competência deveria ser capaz de refutá-lo logo quando terminasse a leitura, se não antes.

Agora, abra qualquer livro-texto encontrado em qualquer lugar no campus da universidade, em qualquer página. Assegure-se de ler a página ou a seção dentro do contexto apropriado para não representar incorretamente o que está sendo alegado. Usando somente as três palavras da fórmula, refute-o. Repita isso tanto quanto desejar com tantos livros-texto, ensaios e jornais que puder encontrar. Localize algo aleatoriamente, ou tente encontrar o melhor dos melhores. Refute-os. Novamente, nada deve levar mais que 10 segundos para ser refutado.

- Assumindo que você foi bem sucedido, o que isso diz sobre os métodos humanos de investigação e as reivindicações não-cristãs ao conhecimento? Os não-cristãos são inteligentes? Eles sabem algo – qualquer coisa – de alguma forma? Lembre-se que você se restringiu a usar somente as três palavras na fórmula. Você ainda não usou os recursos plenos da apologética bíblica.
- Se os não-cristãos são tão profundamente ignorantes e irracionais, então por que frequentar uma universidade secular? Uma perspectiva apropriada pode ser pensar que uma universidade secular não é um lugar para aprender a verdade racional, mas para aprender sobre o que os não-cristãos crêem, e entendendo o que crêem, sermos capazes de agir numa sociedade não-cristã. Se desejarmos aprender a verdade, devemos aprendê-la do próprio Deus, que a relevou na Bíblia. Existem outras razões para frequentar uma instituição secular?

- Ensine a fórmula a uma criança, preferencialmente uma abaixo de dez anos de idade. Peça para ela refutar, usando somente as três palavras, as alegações e argumentos não-cristãos que você acabou de refutar nos exercícios acima. A criança pode ter problemas em entender mais as idéias não-cristãs que a fórmula. Se sim, explique-as para ela, e assegure-se que ela não toma as alegações e argumentos não-cristãos fora de contexto.

Se possível, arranje uma ocasião para a criança falar com um professor em sua universidade. Não há nenhuma necessidade de convocar um debate, mas apenas deixe a criança fazer perguntas sobre o campo de especialidade do professor e refutar cortesmente tudo – *tudo* – que o professor disser, usando somente as três palavras. Assegure-se que você treinou a criança a pensar persistentemente em termos das três palavras e o que elas representam, visto que será impróprio orientá-la durante sua conversação com o professor. O ponto é para ilustrar que até mesmo uma criança pode refutar qualquer professor não-cristão de qualquer campo, usando apenas essa simples fórmula.

- Arrume um debate com cinco a vinte não-cristãos *ao mesmo tempo*. Preferencialmente eles devem tomar posições diferentes sobre várias questões, de forma que haverá certa variedade. Usando as três palavras da fórmula, debata e refute todos eles ao mesmo tempo. A estrutura precisa fica a seu critério e dos incrédulos. Eles podem falar alternadamente, ou sempre que houver algo a ser dito. Você pode debater com cada um individualmente, ou encorajá-los a colaborar. Encontre formas de deixar a coisa difícil para você. Seja criativo. Agora, visto que isso pode ser uma rara oportunidade, após um curto tempo, você pode desejar parar de se limitar às três palavras e começar a empregar todas as suas habilidades e recursos como um apologista bíblico. Fique de olho no debate e assegure-se de alcançar uma vitória decisiva e esmagadora contra cada pessoa.

Observe: Eu me oponho fortemente à idéia de praticar ou testar apologética. “A prática leva à perfeição” é um conceito falso. É possível praticar o tempo todo e não melhorar, mas se você entende os princípios bíblicos da apologética, é possível fazer isso muito bem mesmo na primeira tentativa. Quando fazendo apologética, estamos tratando com a alma de pessoas, e não deveríamos praticar a custa delas. Assim, quando prescrevendo esses exercícios onde outras pessoas estão envolvidas, não estou de forma alguma encorajando você a tentar fazer apologética ou brincar de apologética, mas a fazer apologética. Esses exercícios são designados para demonstrar o poder e a flexibilidade do racionalismo bíblico, bem como para expor a tolice e impotência do pensamento não-cristão. Como com situações ordinárias, nosso objetivo é ainda promover o evangelho e honrar a Deus.

- Obtenha apresentações escritas de abordagens não-bíblicas para a apologética – clássica, evidencial, pseudo-pseudoposicional, cultural, literária, e assim por diante. Usando somente as três palavras da nossa fórmula, refute todas elas. Embora os conteúdos cristãos unidos a essas apresentações podem gerar certa confusão para você, nenhuma delas deveria exigir mais tempo que você precisa para refutar qualquer sistema de crença não-cristão. Permita-se no máximo 20 a 30 segundos para cada uma.
- Considere seu próprio entendimento da fé cristã. Gaste tempo para pensar bem sobre o seu entendimento de cada assunto principal na teologia e filosofia – esse é o seu

sistema de crença. Agora tente refutá-lo com as três palavras em nossa fórmula. Seja abrangente – não se apresse! Se nunca fez isso antes, um auto-exame teológico e filosófico completo deve levar dias, semanas e meses, e não minutos ou horas.

Uma teologia consistentemente bíblica deveria ser imune a tal ataque. Observe as áreas onde você é vulnerável, então gaste tanto quanto necessário de tempo e esforço para corrigi-las. Em alguns casos, você descobrirá que o problema é somente uma questão de articulação apropriada. Mas em outros casos, você poderá descobrir que sua posição presente é antibíblica e irracional, e deve ser abandonada por uma visão bíblica e racional.

Parte 5

Quando diz respeito a se engajar com idéias não-cristãs, os dois maiores grupos de pessoas com os quais você deve tratar na universidade são os estudantes e os professores. Do ponto de vista espiritual, eles se incluem na mesma categoria – são incrédulos – de forma que tomamos a mesma postura filosófica para com ambos os grupos. Mas da perspectiva social, há diferenças consideráveis nas posições que eles ocupam em nossas vidas, e essas diferenças carregam ramificações práticas quanto a como devemos nos relacionar com eles quando pregando o evangelho, defendendo a fé, ou apenas permanecendo em nosso fundamento. Portanto, para o nosso propósito, será útil considerar os dois grupos separadamente.

Então, não nos esqueçamos das idéias anti-cristãs vindo daqueles que se chamam de crentes. Quando você se esforça para articular sua fé com fidelidade e precisão bíblica, algumas vezes a oposição mais forte virá dos cristãos, ou aqueles que alegam ser cristãos. Mas não há necessidade de dar-lhes atenção especial aqui, visto que permanece o fato que a maioria deles serão estudantes ou professores, de forma que nossa discussão se aplicará a eles também.

Agora, não gastaremos muito tempo sobre os estudantes, visto que são seus colegas, e não há restrições especiais quando diz respeito a como você deve se relacionar com eles.

Talvez a primeira coisa que você deva saber é que, simplesmente porque uma pessoa é um estudante não o torna inteligente e racional. De fato, seu orgulho e o pouco que ele pensa saber pode torná-lo ainda mais descuidado. As duas implicações para a apologética é que não há nenhuma necessidade de ficar intimidado e que é um engano assumir que seu oponente entenderá prontamente algo sobre as questões últimas ou as regras da argumentação válida. É impossível subestimar os incrédulos – a maioria dos cristãos comete o engano de superestimá-los, e isso gera um bloqueio mental em suas próprias mentes que os impede de ter um desempenho máximo no debate.

Quanto ao aspecto prático de tratar com estudantes, recomendo na maioria dos casos o uso de conversações informais e estendidas quando discutindo questões sobre a fé. Por conversações “estendidas”, refiro-me a discussões repetidas que podem durar de dias a meses.

Alguns cristãos estão acostumados a empacotar o evangelho inteiro e sua defesa numa apresentação de dez minutos. Mas essa abordagem bater-e-correr é frequentemente menos que o ideal. Leva tempo dizer todas as coisas que você precisa dizer, dismantelar as crenças do seu ouvinte, e apresentar plenamente a sua. Sem dúvida, algumas vezes quando isso é impossível, Deus frequentemente fará uma rápida obra de conversão através de uma apresentação do evangelho de cinco minutos. Mas isso não deveria ser a norma. Não há razão para se apressar com pessoas com as quais você se encontrará repetidamente.

Como uma conversação sobre a fé começa também é importante. Alguns ensinamentos sobre evangelismo afirmam que existe algo defeituoso com sua fé, a menos que você informe alguém que você é um crente ou pregue o evangelho para ele dentro das primeiras horas ou dias do seu encontro com tal pessoa. E, dizem, certamente não existe nenhum traço do Espírito de Cristo em sua vida, se tal pessoa ainda não souber que você é um crente após uma semana inteira! Você deve ter muita vergonha do evangelho é a conclusão de tal ensino.

Contudo, não existe nenhum requerimento na Escritura quanto a quão rápido alguém deve saber que você é um crente ou pregar o evangelho para a pessoa ao encontrá-la. Manter a consciência presa por regras feitas por homens nessa questão é um problema pelo menos tão severo quanto o que está se tentando corrigir. Sem dúvida, se por alguma razão você pensa que deveria ser aquele que pregará o evangelho a certa pessoa, e se você não tem nenhuma expectativa de encontrar essa pessoa de novo, então certamente inicie uma conversação sobre o assunto. Não há necessidade de hesitar.

Mas se é provável que você encontrará a pessoa repetidamente, então é frequentemente melhor esperar para uma oportunidade apropriada. Talvez essa pessoa trará um tópico que pode naturalmente mudar para uma discussão sobre o evangelho. Dessa forma, a pessoa estará comprometida a levar a conversação a uma conclusão natural.

Sem dúvida, você pode simplesmente chegar até alguém e dizer: “Você conhece a Jesus?”. E ela dirá: “Não”, e continuar andando. Isso é bom quando você está usando uma tática metralhadora no evangelismo de rua, e conseguirá a atenção de algumas pessoas dessa forma. Mas com pessoas que você conhece, e a quem encontrará novamente e novamente, uma entrada natural no assunto é muito superior. De fato, você pode gastar semanas com uma aplicação gentil da fórmula “E aí? Por quê? Verdade?” para minar a confiança da pessoa em sua própria inteligência e sistema de crença antes de mudar para uma discussão explícita sobre as questões últimas e a cosmologia bíblica. Assim, esse não é um chamado para ser passivo, mas para ser paciente e estratégico.

As coisas são diferentes quando tratando com professores. Estudantes não têm autoridade sobre você, e eles não lhe dão provas e notas. Professores, contudo, são supostos ensinar conhecimento, e esperam que você demonstre entendimento no que eles ensinam. Isso é bom em princípio, mas problemas ocorrem quando eles ensinam idéias antibíblicas como se fossem verdade, e então esperam que você as aceite.

Cursos de biologia oferecem alguns dos exemplos mais explícitos disso. No princípio de um dos muitos cursos de biologia que tive, o professor declarou que quando diz respeito à evolução, “não precisamos ver nenhum conflito com o relato de Gênesis, conquanto não o tomemos literalmente.” Bem, sem dúvida! Todos os conflitos de idéias podem ser neutralizados conquanto você não tome um lado literalmente. Mas a questão é o porquê deveríamos tomar o lado da ciência seriamente, ao invés da Bíblia.

Já mostramos em outro lugar que a ciência não é somente inconfiável, mas que ela não tem nenhum contato racional com a realidade de forma alguma, e que todas as suas conclusões são falsas. Seu método impede o descobrimento de qualquer informação verdadeira sobre alguma coisa. Assim, aqui não repetiremos uma análise da ciência, mas dado esses fatos sobre a ciência, devemos considerar como tratar com professores que afirmam idéias anti-cristãs sobre a base da ciência.

Existem pelo menos três razões para evitar fazer das evidências e argumentos científicos atuais o campo de batalha primário.

Primeiro, visto que seu professor é um *expert* em sua área, é menos que provável que você o derrotará em seu próprio jogo, isto é, se você aderir completamente aos seus termos e ao contexto que ele constrói. Isso não é dizer que seu professor está certo em seus métodos – não, estou dizendo que ele pode blefar melhor que você quando você jogar o jogo dele com as

regras dele. Ele conhece muito mais sobre os jargões, nomes, datas, teorias, experimentos, publicações e outras informações relacionadas à área dele. Se desejar, ele poderia inventar coisas à medida que conversa, e você não saberia quando ele estaria dizendo a verdade e quando não estaria.

Segundo, nem todas as alternativas científicas à ciência antibíblica são corretas. Por exemplo, você poderia tentar uma refutação científica da evolução com o *design* inteligente, mas algumas das coisas afirmadas nas publicações do *design* inteligente poderiam estar erradas. Você deve ser capaz de dizer a diferença, e não há nenhuma garantia que você sempre será capaz de discutir o *design* inteligente melhor que o seu professor. Pior ainda, se acontecer de você endossar alguns detalhes nos argumentos do *design* inteligente que se provem falsos, então seu oponente poderá pressionar isso como uma demonstração da sua falta de informação e julgamento.

Terceiro, visto que o próprio método científico é irracional e nunca pode obter qualquer conhecimento, qualquer informação sobre a realidade, defender a verdade baseando-se em argumentos científicos é fútil em última análise. Se você for capaz de ganhar a vantagem de alguma forma, o melhor que poderá fazer é mostrar que você está menos errado, e não que o Cristianismo é necessariamente certo. Se o ponto é refutar idéias falsas e promover a fé bíblica, então é necessário deixar de lado os falsos métodos de descoberta e ter uma discussão verdadeiramente racional sobre as questões últimas com respeito ao conhecimento e realidade.

Portanto, da perspectiva de ganhar o debate, a estratégia mais eficaz não é desafiar uma teoria científica com outra, mas desafiar a própria ciência, e mostrar que é impossível conhecer algo pela ciência em primeiro lugar. Os argumentos necessários para fazer isso são numerosos e irrefutáveis, e foram apresentados em outros lugares nas nossas publicações. Em essência, desafiamos as suposições por detrás da ciência, tais como a unidade e a estabilidade do universo, a confiabilidade da sensação e da indução, a validade lógica formal do raciocínio científico, e assim por diante. O resultado disso é a humilhação total da especulação humana. Embora os cientistas possam dizer, “A partir da perspectiva da ciência, que não pode encontrar a verdade, aqui estão as conclusões”, eles não podem alegar que essas conclusões têm algo a ver com a verdade sobre a realidade.

Dito isso, a abordagem mais racional nem sempre é prática ou mesmo possível em algumas situações. É improvável que um professor permitirá você conduzir uma aula sobre biologia para discutir os detalhes minuciosos de epistemologia e filosofia da ciência. E você deve lembrar que um professor ainda é uma pessoa – ele pode ser pecaminoso, injusto e perverso. Se ele é um não-cristão, então não importa o que ele diga, ele não é alguém que busca a verdade. Ele não se importa que a ciência seja falsa, conquanto não haja ninguém para desafiá-lo sobre isso. Esse é o porquê você deve exercer cautela, ou poderá se encontrar sofrendo perseguição desnecessária das suas mãos.

Aqui podemos fazer somente algumas breves sugestões sobre como se comportar durante aulas e provas.

Sem até mesmo a mínima competência em apologética bíblica, você pode facilmente humilhar seus professores diante de todos os estudantes na sala de aula. Contudo, é quase nunca apropriado fazer isso, embora haja exceções sacionadas pela Bíblia. Um dos versículos mais abusados na apologética é 1 Pedro 3:16, que diz que devemos defender nossa fé “com

mansidão e respeito” quando tratando com aqueles em autoridade. Ele é frequentemente tirado do contexto e recebe uma aplicação universal, mas o versículo de fato se aplica a como você trata os professores, visto que estão em autoridade sobre você. Você pode descobrir que os comentários deles são tão irracionais e irreverentes como aqueles que procedem dos estudantes, mas com eles você deve exercer paciência e restrição especial.

Além das restrições bíblicas, existe também um retrocesso prático para ataques inapropriados na sala de aula. Um dos meus cursos de Inglês no segundo grau exigia a leitura do livro *Paradise Lost*, de Milton, e durante as discussões sobre a primeira parte da obra, falei alto e corrigi a professora sobre algo que ela disse sobre a Bíblia, e então corrigi Milton também.

Meus comentários de fato estavam corretos, e minha professora e Milton estavam equivocados. Mas a forma como falei foi tão súbita e dura que a professora entrou em choque e os estudantes pareciam com medo de mim pelo resto do semestre. Assim, embora tenha sido provavelmente apropriado falar alto contra a má representação da Escritura feita por meu professor e por Milton, teria feito melhor se tivesse feito isso de uma forma que promovesse a fé cristã.

Para corrigir a impressão dominadora que gerei, comecei a mostrar paciência e contenção quando dizia respeito a assuntos bíblicos e religiosos, embora ainda falasse sem concessão. Enquanto isso, assegurei-me de permanecer como um contribuinte regular para as discussões em classe e fielmente fazer todas as tarefas. O resultado foi que, embora alguns estragos tenham sido feitos por meu erro inicial, eu era visto como uma autoridade da classe quando dizia respeito à Escritura e ao Cristianismo, e assim, tive oportunidades para corrigir representações incorretas e expor brevemente doutrinas bíblicas como uma parte natural das discussões em classe.

Na maioria dos casos, o pior que alguém pode fazer é tomar a classe e pregar um sermão completo. Mesmo que o professor tolere isso, que é improvável, os estudantes não tolerarão. Eles não pagam taxas caras para ouvir você.

Todavia, algumas vezes você deve dizer algo quando a honra de Deus está em jogo e quando o silêncio parece sinalizar concordância. Os incrédulos devem ser desafiados com respeito às suas crenças. Também, pode haver outros cristãos na sala de aula menos capazes que você em discernir a verdade do erro, e em resistir aos assaltos da incredulidade – eles estão sendo calmamente sufocados sob o abuso. Um comentário da sua parte, ou mesmo uma pergunta aparentemente inocente que sirva para minar uma declaração antibíblica, pode servir para trazer esperança e frescor para as suas almas cansadas.

Uma coisa que você pode fazer é tomar uma abordagem a longo prazo, plantar sementes na forma de simples declarações e perguntas – aqui um pouco, ali um pouco – à medida que você encontra oportunidades para instilar dúvida contra a visão não-cristã e incitar interesse na fé cristã. Sem dizer muito sobre isso, você poderia até mesmo mencionar o nome de um autor ou um livro que aborde o tópico a partir de uma perspectiva cristã. Mas faça isso com moderação. Os temperamentos dos estudantes e professores variam, de forma que a sabedoria deve ditar o que você diria em cada situação. Seja paciente, e persiste na oração, e pode ser que um dia você terá a oportunidade para falar em grande detalhe sobre o assunto em sala de aula, ou mais provavelmente, você terá uma audiência com os estudantes e até mesmo os professores fora da sala de aula.

Tarefas e exames apresentam outra dificuldade para um estudante cristão. Dependendo do professor, embora algumas matérias estejam abertas para o debate, outras são afirmadas como fatos bem estabelecidos. Elas são assumidas como verdadeiras quando as tarefas e exames são dados, e o estudante é esperado afirmá-las e aplicá-las.

Em tarefas e exames, um professor de biologia improvavelmente fará perguntas que permitam dúvida com respeito à teoria da evolução, mas fará perguntas cujas respostas dependem da suposição que a evolução é verdadeira. Similarmente, um professor de física fará perguntas que assumem sua visão da origem e operação do universo. Sem dúvida, ambos os professores assumirão a validade racional dos métodos e raciocínios científicos.

Portanto, o desafio para o cristão é maximizar seu desempenho em tal ambiente, enquanto permanecendo firme na fé e recusando a concessão. Ele deve demonstrar que entende as matérias do curso, sem sequer insinuar a idéia que concorda com alguma delas.

Parte da solução inclui o uso cuidadoso e deliberado da linguagem. Quando você sabe a resposta que o professor espera numa pergunta de um exame, mas a resposta correta é contrária à sua fé, você não deve declará-la como fato. Mas você pode mostrar que entende o que o professor está buscando atribuindo a resposta à fonte apropriada no contexto do curso.

Assim, ao invés de apenas declarar a resposta esperada, diga, “De acordo com Darwin”, ou “De acordo com o livro-texto (ou o autor do livro-texto)”, ou declarar o nome do seu professor. Se apropriado, você pode mencionar que nem todo *expert* na área concorda com a resposta esperada. Isso deixa ainda mais claro que você não está necessariamente de acordo com o que tem sido ensinado. Contudo, não há necessidade de uma refutação completa, a menos que a pergunta peça ou permita que você o faça.

Será requerido certa habilidade para evitar que a prosa se torne muito previsível, mas quando isso é feito apropriadamente, um estudante cristão pode demonstrar competência com as matérias do curso e ao mesmo tempo evitar comprometer sua fé. Enquanto sua linguagem recusar abraçar os ensinamentos anti-cristãos, você está deixando lugar para futuras discordâncias e discussões.

Em todos os meus anos na escola, houve apenas um curso no qual minhas respostas afetaram minhas notas de uma maneira negativa. Grandemente irritado pela erudição anti-cristã barata por todo o semestre, fui mais grosseiro que o usual, e num exame usei até mesmo várias injúrias bíblicas contra um dos heróis do professor. De qualquer forma, a nota baixa não teve nenhum efeito sobre o meu futuro, e posso olhar para trás e afirmar que não trai ao Senhor, embora houve um pequeno preço a ser pago.

Esse conselho não resolverá todos os seus problemas. Por exemplo, é difícil manobrar questões de múltipla escolha. Cursos universitários tendem a usar poucas delas, mas de qualquer forma, seu discurso e comportamento geral em sala de aula e como você responde perguntas discursivas se torna muito mais importante. Você deve deixar claro que não concorda necessariamente com o que está sendo ensinado. Todavia, o que tenho dito sobre o uso da linguagem pode ajudar você a começar a pensar sobre como melhor manusear suas próprias circunstâncias.

Novamente, tenha em mente que você não está de fato tratando com tarefas e exames, mas com pessoas – seu trabalho será avaliado por professores e seus assistentes. Essas pessoas

consideram a especialidade delas com grande estima, e se você insultar a obra delas e até mesmo o campo inteiro de estudo, haverá um preço a ser pago. Portanto, faça o melhor para evitar perseguição desnecessária, mas nunca com concessão.

Temos usado a ciência para ilustrar com você encontrará idéias anti-cristãs na universidade e como você pode lidar com elas, mas idéias anti-cristãs podem vir juntamente com qualquer assunto no currículo. Muitas delas são menos óbvias, mas existem até mesmo em cursos em matemática e línguas estrangeiras. Afinal, estamos tratando não somente com números e sons, mas com pessoas depravadas. O que dizer sobre aulas em filosofia, religião, política e economia?

É impossível fornecer ilustrações e sugestões para o currículo inteiro, de forma que concluiremos o capítulo fazendo uma breve observação sobre literatura, ou ficção em particular. Tenha em mente que dessa vez estamos interessados somente naqueles textos que contêm idéias anti-cristãs.

Assumindo que o autor tem pelo menos um nível mínimo de competência, quando ele apresenta um argumento em prosa não-ficcional, seu propósito e posição tenderão a ser relativamente claros. Primeiro, o leitor perceberá que ele está lendo um argumento, e descobrirá ser fácil localizar e entender a conclusão que o autor está afirmando. Então, as premissas que apóiam e levam a tal conclusão deveriam ser óbvias também.

Agora, visto que a conclusão afirmada é tão clara, imediatamente o leitor observa se ela é algo que ele aceita ou rejeita. E se é algo que rejeita, ele levanta uma resistência contra ela. Mas porque as premissas são claras também, a veracidade do argumento e a validade do processo de raciocínio são facilmente examinados. O leitor deve ser persuadido pelo argumento, ou deve apontar suas falhas. Visto que o argumento é tão claro e direto, rejeitar sua conclusão sem encontrar qualquer falta nele exporá o preconceito irracional da própria pessoa. Em outras palavras, quando apresentada dessa forma, a substância de um argumento assemelha-se à sua aparência.

As coisas não são tão claras quando uma opinião ou argumento é apresentado por meio de ficção. E isso devido ao fato da conclusão frequentemente não ser declarada, e se há premissas suportadoras de alguma forma, eles também são ocultas, ou descritas ao invés de explicitamente declaradas. Uma pessoa pode não receber a impressão que o autor está argumentando em favor de algo, mas pode observar um sentimento de aprovação ou perturbação após ler a história. O autor está de fato estabelecendo o ponto, embora esteja fazendo isso indiretamente, de uma forma que evite a análise e resistência de leitores descuidados.

Isso não é dizer que o autor está sempre tentando enganar, ou que sua conclusão seja necessariamente falsa, mas é apontar que somente indivíduos ingênuos são diretamente afetados por histórias de ficção, quando elas comunicam seus pontos indiretamente. Ao invés de falar às nossas crenças primeiro, elas tentam gerar certo sentimento em nós, que por sua vez podem influenciar nossas crenças.

O que os leitores frequentemente esquecem é que o autor possui onipotência no contexto da sua história – ele pode fazer qualquer um fazer ou dizer o que ele quer. Se desejar fazer um personagem parecer heróico, ele pode fazê-lo realizar feitos heróicos. E se desejar gerar ódio para com o personagem, ele pode fazer seu personagem fazer todos os tipos de coisas

desprezíveis. Os leitores nunca devem perder de vista o fato que todos os detalhes numa história de ficção são dados pelo autor – ele constrói tudo – e ao fazer isso, ele não está necessariamente refletindo a realidade, mas somente como ele percebe o mundo.

Portanto, quando tratando com uma ficção, você deve se tornar um leitor e pensador mais ativo, tomando um passo extra para traduzi-la num argumento. Você deve encontrar a conclusão que o autor está tentando afirmar e as premissas que ele usa para apoiá-la. Se você confunde ficção com não-ficção, então você tenderá a aplicar o que acontece na história ficcional ao mundo fora da história. O autor quer que você pergunte: “Visto que é isso que acontece na história, o que eu deveria pensar sobre o mundo fora da história?”. Mas ao invés disso, você deveria perguntar: “Por que o autor faz isso acontecer na história? Por que ele faz esse personagem fazer tal coisa? Qual é o plano do autor?”. Uma vez que você tenha tornado a história em algo direto e explícito, você também terá tornado-a algo que você pode confrontar e refutar.

Com histórias que promovem idéias anti-cristãs, você poderia ler sobre pregadores e crentes que agem como hipócritas desprezíveis, cometendo assassinato, roubo e adultério em oculto, enquanto apresentando uma cara de santo a todos que o vêem. Sem dúvida é verdade que muitos crentes professos são hipócritas, mas aqui estamos tratando com histórias ficcionais, nas quais o autor pode fazer qualquer coisa acontecer.

E o que isso diz sobre o Cristianismo? A Bíblia nega que alguns cristãos professos não são crentes de forma alguma? E a Bíblia diz que os crentes verdadeiros são perfeitos e sem pecado? Uma história sobre cristãos hipócritas produz sentimentos ruins para com os cristãos, e isso é tudo o que ela pode fazer. Em todo caso, para todo pregador que comete adultério numa ficção, eu posso criar um ateu que saqueia cinquenta aldeias, assassina duzentas mil crianças e estupra cinco milhões de mulheres. Uma história é tão fácil de escrever quanto outra, e nenhuma delas prova algo.

PERGUNTAS E EXERCÍCIOS

- Além dos estudantes e professores, com quais outros grupos de pessoas você tem que lidar como um cristão? Como você prega e defende o evangelho para eles? Como sua apresentação ou estratégia difere? Por quê?
- Do ponto de partida da competência intelectual, é impossível subestimar os não-cristãos, visto que nenhuma estimacão pode ser menor que aquela que a Escritura atribui a eles. Mas é possível superestimar a nós mesmos? Se sim, de quais formas, e por quê? Quais são alguns dos problemas que podem surgir a partir de uma superestimacão de nós mesmos? E o que podemos fazer para reconquistar uma estimacão apropriada de nós mesmos?
- O que significa ter conversacões “informais e estendidas” com nossos colegas sobre Cristo? Quais as vantagens dessa abordagem? Existem desvantagens? Você alguma vez já teve uma conversacão semelhante ou uma série de conversacões com alguém? Se sim, como você se desempenhou? Você manteve a entonacão, intensidade e profundidade correta durante toda a discussão?
- Muitas conversacões na Bíblia podem ser lidas em poucos segundos, mas algumas delas aconteceram realmente somente em alguns segundos, ou duraram muito mais? Considere João 4. Por quanto tempo Jesus conversou com a mulher samaritana? Uma pessoa pode ler do versículo 7 ao 26 em dois minutos, mas os discípulos estiveram ausentes por apenas cento e vinte segundos (veja v. 8 e 27)? Então, a mulher voltou para a cidade, disse ao povo sobre a conversacão, e o povo saiu da cidade para ver Jesus (v. 28-30), que então permaneceu por outros dois dias (v. 40).
- Forneça exemplos bíblicos nos quais os personagens envolvidos gastaram horas ou até mesmo dias discutindo a fé cristã. Considere Lucas 24:13-35 e Atos 24:25-27, entre muitos outros exemplos. Quais implicações você pode derivar a partir da percepção que muitas conversacões bíblicas duraram de horas a até mesmo anos? Eu sugeriria o princípio que, se você tiver tempo, então use o tempo. Seja calmo e metuculoso. Concorda?
- O que se quer dizer por abordagem “bater-e-correr” no evangelismo ou apologética? Quais as vantagens e desvantagens dessa abordagem? Você alguma vez já empregou tal método com sucesso? Cite exemplos bíblicos que demonstrem essa abordagem, mas assegure-se que eles realmente descrevem encontros que não duraram mais que poucos minutos. Observe os detalhes descritos. Simplesmente porque você pode ler uma passagem em poucos segundos não significa que a conversacão real não durou várias horas.
- Você alguma vez já iniciou uma conversacão sobre a fé cristã sem um assunto introdutório natural? Cite exemplos a partir de sua experiência no evangelismo de rua ou de seus relacionamentos pessoais. O que você disse que levou ao assunto? O que você fez quando a outra pessoa não mostrou nenhum interesse, ou tentou terminar a discussão? O que você fez para continuar? Quais são as vantagens e desvantagens dessa abordagem de “força bruta”? Você é bom nisso?
- Inicie uma conversacão sobre a fé cristã com qualquer pessoa que escolher, usando a abordagem de força bruta. Pregue o evangelho, refute argumentos, responda objeções.

Observe tudo que seja significativo sobre o processo e o resultado. Prepare-se para usar essa abordagem sempre que necessário no futuro.

- O que significa orar por e antecipar “oportunidades naturais” para começar conversações sobre a fé cristã? Essas oportunidades são raras, ou você falha em tomar vantagem delas por que nem sempre são óbvias? Mas quando você consegue reconhecer essas oportunidades e inicia conversações com elas, você observa qualquer diferença na extensão, profundidade e intensidade das discussões quando comparadas com conversações que você iniciou por força bruta?
- Comece a procurar oportunidades naturais para iniciar conversações sobre a fé cristã em suas interações diárias com as pessoas, especialmente com seus colegas. Escolha várias dessas oportunidades e redirecione as conversações para a fé cristã. Observe tudo que seja significativo sobre o processo e o resultado. Prepare-se para usar essa abordagem de novo no futuro.
- Sem mencionar que você é um cristão, e sem estabelecer uma conversação sobre o Cristianismo (pelo menos a princípio), encontre alguns não-cristãos que alegam basear as crenças deles, bem como a rejeição da religião, na ciência.

Então, sem ajudá-los, (1) peça para eles listarem as suposições por detrás do método científico, (2) peça para que eles listem cada passo no método científico, (3) peça para que eles mostrem como um passo leva ao seguinte no método científico, e (4) peça para eles defenderem a idéia que esse método pode descobrir algo sobre a realidade de alguma forma. Você pode descobrir que, entre aqueles que inflexivelmente insistem em sua confiança na ciência, pouquíssimos, se é que algum, podem responder sequer a primeira ou segunda questão. E nenhum deles pode responder a terceira e a quarta.

Agora que é óbvio que eles não podem defender a confiança deles na ciência, ou mesmo mostrar que entendem a ciência, pergunte se eles irão começar a duvidar das crenças deles ou se irão mudar algumas delas. O que eles dizem? Eles se comportam de uma maneira irracional? Essas são pessoas inteligentes?

- Se possível, inicie uma conversação com um professor que é especialista num assunto científico, preferivelmente biologia ou física. Repita o exercício acima. Você descobrirá que suas respostas são mais enroladas que aquelas fornecidas pelos estudantes, e ele pode ser capaz de responder as questões (1) e (2). Mas você descobrir que ele é incapaz também de responder as questões (3) e (4). Repetindo, essas são pessoas racionais? Inteligentes?
- Em qualquer livro-texto universitário, procure uma explicação do método científico. Refute-o. Isso não deve levar mais que 3 a 10 segundos.
- Em qualquer livro-texto universitário, procure uma descrição de um experimento realizado usando o método científico. Refute-o. Isso não deve levar mais que 3 a 10 segundos.
- Em qualquer livro-texto universitário, procure a explicação e prova de uma teoria científica. Pode ser qualquer teoria científica registrada de qualquer período da história humana, mas preferencialmente uma que é considerada bem estabelecida. Refute-a. Isso não deve levar mais que 3 a 10 segundos. Repita esse exercício quantas vezes quiser. O

que isso demonstra sobre a ciência? O que isso diz sobre as pessoas que cofiam nela como um caminho para entender a realidade?

- Pegue qualquer estudante universitário e peça para ele lhe dizer sua posição sobre um assunto importante para ele. Pode ser sua opinião sobre religião, política, ciência, história, ou qualquer outra coisa. Então, peça para ele dar um argumento para apoiar a sua opinião. Mas faça ele mostrar o que afirma – peça para que ele prove sua conclusão passo a passo, mostrando como cada premissa é verdadeira e como ela leva à próxima, e então finalmente à conclusão.

Por exemplo, se ele contende que certa teoria científica é verdadeira, não deixe ele escapar com a simples afirmação: “Porque a evidência apóia ela”. Peça para que ele cite uma parte da evidência a partir da qual pôde validamente inferir a conclusão. Se ele se refere a um experimento que alegadamente prova a teoria, sem sequer mencionar os problemas com o método científico, peça para que ele especifique cada passo do experimento, incluindo as suposições por detrás do argumento, as razões para escolher cada variável, e assim por diante, e descreva como o experimento prova a conclusão.

A menos que você tenha escolhido um jovem especialmente consciencioso, meu palpite é que você pode ter que perguntar a centenas de estudantes antes que algum possa ao menos chegar perto de fazer o que acabei de descrever. Em muitos casos, você descobrirá que eles não podem nem mesmo lhe dizer como as evidências e experimentos que citam são sequer relevantes para as conclusões que desejam afirmar. Todavia, eles parecem confiantes, e consideram-se inteligentes. Isso apenas fará o fracasso deles ainda mais óbvio quando forem confrontados por um apologista bíblico habilidoso.

- Além das desvantagens do evidencialismo mencionadas no capítulo anterior, quais são as desvantagens adicionais do evidencialismo quando lidando com um professor?
- Você alguma vez já argumentou com um professor em sala de aula porque ele fez afirmações anti-cristãs? O debate se tornou hostil? Qual a atitude dos estudantes para com você? Eles ficaram intrigados, irritados, ou o que? Em todo caso, você ganhou? Algumas vezes as pessoas dizem que não querem “ganhar o argumento, mas sim não perder o convertido”. Por que essa é uma declaração estúpida? Qual poderia ser a verdadeira razão dessas pessoas não desejarem ganhar o argumento em favor da fé? O que há de errado com elas?
- Qual é a interpretação e aplicação correta de 1 Pedro 3:15? Como esse versículo é geralmente usado incorretamente? Cite pelo menos um exemplo de um livro de apologética cristã. Além do crime espiritual de distorcer a Escritura, que dano um abuso desse versículo faz à prática da apologética? Por que o versículo é relevante para a relação entre estudante e professor? Como você pode aplicar esse versículo à sua situação? Em outras palavras, como isso afeta como você argumenta em favor da fé diante de um professor?
- Você já permaneceu calado enquanto um professor atacava a fé cristã na sala de aula? Se sim, sua consciência não te repreendeu por não levantar a voz? O que você poderia ter feito? O que significaria ser “sábio como uma serpente” em tal situação? Em outras palavras, como você pode levantar-se em favor da fé sem ser tolo ou incitar perseguição desnecessária?

- Discuta com outros estudantes cristãos como eles lidam com ataques contra a fé cristã em sala de aula. Eles possuem um método? Eles o consideram um problema? Eles permanecem calados, replicam imprudentemente, ou o que? As abordagens deles são bíblicas? E quais resultados os métodos deles produzem?
- Quando diz respeito a tarefas e exames, como você mostra que entende as matérias do curso sem expressar concordância com as idéias anti-cristãs? Você tem uma abordagem bíblica e consistente? Compartilhe-a com outros estudantes cristãos.
- Encontre um exemplo no qual um autor usa a não-ficção para promover um argumento. Identifique o plano dele e a conclusão que afirma. Localize as premissas que supostamente levam à sua conclusão. Refute cada parte do argumento. Repita o exercício quantas vezes desejar.
- Encontre um exemplo no qual um autor usa a ficção para promover um argumento. Identifique o plano dele e a conclusão que afirma. Localize as premissas que supostamente levam à sua conclusão. Refute cada parte do argumento. Repita o exercício quantas vezes desejar.

Parte 6

Embora uma grande parte da vida colegial tenha a ver com a universidade, o estudante tem outras preocupações também. Da mesma forma, um cristão numa universidade vive sua vida diante de Deus e dá testemunho não somente em sua integridade intelectual e defesa da fé, mas também de outras formas.

Mas antes que abordemos isso, devemos completar nossa discussão sobre apologética mencionando um dos erros mais comuns promovidos pelos líderes cristãos. Esse é o ensino que uma vida santa do crente é uma parte necessária de sua apologética, e que esse é até mesmo o aspecto mais proeminente e eficaz da defesa da fé. Assim, em materiais escritos sobre o assunto, frequentemente encontramos declarações como, “O amor é a mais poderosa apologética”, e “O maior argumento para o evangelho é uma vida santa”. Tais coisas são frequentemente afirmadas sob o princípio mais amplo que “as ações falam mais alto que as palavras”.

Contudo, o amor ou a santidade não é uma apologética mais poderosa que um discurso racional. De fato, visto que uma apologética é *por definição* um discurso racional verbal para promover a causa de alguém ou responder oposições, estritamente falando, amor e santidade não fazem parte da apologética de forma alguma. Elas fornecem, como apontaremos, materiais para uma apologética. Quanto às ações, não somente elas não falam mais alto que as palavras, mas não falam de forma alguma. Ações requerem palavras para elas, explicando suas origens e implicações; de outra forma, elas permanecem caladas.

Paulo disse aos presbíteros em Éfeso:

“Vocês sabem como vivi todo o tempo em que estive com vocês, desde o primeiro dia em que cheguei à província da Ásia. Servi ao Senhor com toda a humildade e com lágrimas, sendo severamente provado pelas conspirações dos judeus. Vocês sabem que não deixei de pregar-lhes nada que fosse proveitoso, mas ensinei-lhes tudo publicamente e de casa em casa. Testifiquei, tanto a judeus como a gregos, que eles precisam converter-se a Deus com arrependimento e fé em nosso Senhor Jesus...”

“Agora, eu os entrego a Deus e à palavra da sua graça, que pode edificá-los e dar-lhes herança entre todos os que são santificados. Não cobicei a prata nem o ouro nem as roupas de ninguém. Vocês mesmos sabem que estas minhas mãos supriram minhas necessidades e as de meus companheiros. Em tudo o que fiz, mostrei-lhes que mediante trabalho árduo devemos ajudar os fracos, lembrando as palavras do próprio Senhor Jesus, que disse: ‘Há maior felicidade em dar do que em receber.’” (Atos 20:18-21, 32-35)

Se o amor ou a santidade é a apologética mais poderosa, então por que Paulo precisou descrever sua atitude e compartimento de tal maneira coerente para estabelecer o seu ponto? Seu amor ou santidade já deveriam ter estabelecido o ponto para ele. E se ações falam mais alto que palavras, então por que Paulo precisou dizer algo sobre elas? Por que ele usou um

meio mais fraco para atrair a atenção para suas ações? Ele mesmo lembrou aos presbíteros que eles já sabiam sobre suas ações.

Da mesma forma, quando Jesus disse, “Qual de vocês pode me acusar de algum pecado?” (João 8:46), teria sido um meio desnecessário e até mesmo inferior de chamar a atenção para sua santidade e integridade se suas ações fossem de fato mais altas que suas palavras. Mas a verdade é o exato oposto – ele precisava de palavras para chamar a atenção para suas ações, que permaneciam totalmente caladas por si mesmas.⁹

Uma apologética é um argumento ou explicação que você promove verbalmente. Ela não deveria requerer que os incrédulos infiram sua defesa para você a partir das suas ações! De fato, você pode apelar às suas ações em seu discurso verbal para mostrar que seu estilo de vida é consistente com sua mensagem, mas não é apologética fechar sua boca e esperar que os incrédulos convençam a si mesmos que o evangelho é verdadeiro por causa do seu amor e estilo de vida santo.

E sem estabelecer um padrão moral apropriado pelo argumento verbal, por que eles infeririam o que você quer a partir das suas ações? Você pode exibir compaixão, e eles inferirem bisbilhote. Você pode demonstrar humildade, e eles inferirem fraqueza. Você pode valorizar a verdade, e eles inferirem fanatismo. O problema com os não-cristãos não é somente que eles carecem de compaixão, humildade, verdade e assim por diante, mas que eles nem mesmo sabem como pensar sobre essas coisas. Suas mentes são tão absolutamente corruptas e débeis que se existe qualquer significância em suas ações santas, você deve explicá-la para eles. Portanto, embora nossas ações possam estar relacionadas com nossa apologética, em si mesmas não constituem parte de uma apologética.

O exposto acima carrega duas implicações para o evangelismo e a apologética.

Primeiro, não existe tal coisa como evangelismo ou apologética sem um discurso verbal racional, ou sem o uso da linguagem. Existem cristãos que dizem, “Eu não prego ou argumento – eu testemunho sobre Cristo em minha vida”. Aqueles que dizem isso frequentemente não têm vidas muito impressionantes em primeiro lugar, mas mais relevante é o fato que tal abordagem não pode testemunhar sobre Cristo de forma alguma.

Mesmo que os incrédulos observem tais cristãos, talvez pensarão que essas pessoas nasceram dessa forma, predispostas ao viver puro e santo, e assim, suas vidas produzem nada mais que louvor para si mesmos. Talvez alguns incrédulos pensem que esses cristãos são na realidade budistas ou aderentes de algum outro sistema de pensamento, e assim, suas ações santas acabam no final incitando outros a buscar alguma religião ou filosofia que pode ou não ter nada a ver com o Cristianismo.

Segundo, o exposto acima implica que os não-cristãos não estão escusados de crer no evangelho simplesmente porque existem muitos crentes professes que se revelam hipócritas, ou que se comportam de formas que são inconsistentes com os ensinamentos bíblicos. A verdade está na mensagem e não no estilo de vida. Embora a imperfeição e a hipocrisia dos cristãos de fato fazem muitos tropeçar, aqueles que tropeçam não estão escusados, visto que

⁹ Passagens bíblicas como Mateus 5:13-16, João 13:34-35, Tiago 2:18, e I Pedro 3:1-6 não podem ser usadas para dizer que ações santas transmitem informação à parte da pregação da palavra de Deus. Muito menos elas afirmam que o amor e a santidade fornecem uma apologética mais poderosa que o argumento racional. Veja Vincent Cheung, *The Sermon on the Mount, Commentary on First Peter e A Luz das Nossas Mentres*.

não existe nenhuma relação direta entre se o evangelho de Cristo é verdadeiro e se os crentes se comportam consistentemente com ele.

Na realidade, quer estejamos falando sobre crentes ou incrédulos, aqueles que tropeçam por causa de falhas morais de outras pessoas devem ser pessoas incrivelmente estúpidas. Por que o evangelho é desacreditado quando um crente rouba de seu patrão? E quando um pastor comete adultério, o que isso tem a ver com a verdade com respeito a Jesus Cristo? O evangelho nunca alega produzir pessoas perfeitas nesta vida, e esses indivíduos podem ou não ser crentes genuínos em primeiro lugar. Então, e daí se sacerdotes católicos molestam sexualmente centenas de crianças? O que isso tem a ver conosco? Nós nem mesmo reconhecemos que o Catolicismo é Cristianismo, ou que os católicos são cristãos, e assim, isso é o que esperamos deles. Ficaríamos surpresos se eles não molestassem crianças.

Assim, qual é o problema? A única explicação é que aqueles que tropeçam dessa forma são estúpidos. Poderíamos dizer que isso é uma questão moral, que eles estão tentando encontrar uma razão para escapar das reivindicações do evangelho. Mas ainda assim, o fato que eles pensam que podem escapar com tal pobre escusa deve significar que essas pessoas são espantosamente estúpidas.

Elas não são apenas estúpidas, mas fracas também. Um líder cristão renomado cai em pecado, e elas param de ir às suas igrejas, quando seus pastores não têm feito nada errado. O escândalo de uma igreja irrompe em outra parte distante do mundo, e essas pessoas param de contribuir para suas igrejas, quando essas igrejas não têm nada a ver com o escândalo. Ao invés de se apegarem ao Senhor, e resolverem pela graça e poder de Deus fazerem melhor do que aqueles que caíram, e até mesmo ajudar a restaurá-los, eles usarão qualquer coisa como uma escusa para parar de servir a Deus e fazer o que ele requer deles.

Pregadores frequentemente dizem, “Se você não pratica o que prega, então ninguém crerá em você quando falar sobre o evangelho.” Mas declarações como essa equivalem a um ataque contra a perfeição intelectual inerente do evangelho bem como à obra do Espírito Santo. A verdade é que se você *nunca* praticar *algo* que prega, ou se você *sempre* fizer o *oposto*, conquanto o conteúdo da sua pregação seja bíblico, todo mundo ainda *deverá* crer em você, e muitos de fato crerão. Você não está escusado de seus pecados, mas a verdade e o poder de Deus, e o plano inteiro de redenção dele, não dependem da sua santidade.

A hipocrisia entre os cristãos deve ser duramente condenada, mas ela não fornece nenhuma escusa para os outros caírem de sua profissão de fé ou permanecerem na incredulidade. Se ninguém crê no evangelho, mesmo assim você deve crer! Se ninguém pratica a santidade, você deve praticar! Que intelecto e caráter débil uma pessoa deve ter para se afastar de Cristo simplesmente porque alguém outro o fez! Ao invés de lutar para contra-atacar o problema, com seus olhos bem abertos ele se torna uma parte do problema. Somos quase tentados a ter mais simpatia para com aquele que causa o tropeço do que para com o que tropeça.

Em suma, é errado dizer que as ações falam mais alto que as palavras, ou que o amor ou santidade é a apologética mais poderosa, pelo fato das ações não falarem, e o amor ou santidade não serem uma apologética. A hipocrisia e falha moral de alguns cristãos são irrelevantes para a reivindicação de Deus sobre cada pessoa, e, portanto, não fornece nenhuma escusa para os incrédulos e crentes professos tropeçarem, rejeitarem a fé, ou se apartarem dela. Enfatizamos isso para neutralizar alguns dos problemas causados pela falsa visão que dá

ao nosso desempenho diante do mundo um lugar que não deveria possuir, e que somente a palavra de Deus possui.

Dito isso, existem algumas razões para insistir que o amor, a santidade, virtude, boas obras e realizações consistentes com nossa profissão de fé são de extrema importância. Primeiro, embora em si mesmas estejam excluídas da apologética, elas fornecem materiais para algo do que poderíamos dizer quando defendendo a fé. Segundo, embora não escusem ninguém, é verdade que nossa falha moral, hipocrisia e inconsistência frequentemente se tornam pedras de tropeço para outros. Ao invés de fornecer ocasiões para eles tropeçarem, devemos fazer tudo que podemos pela graça de Deus para contribuir para a conversão e progresso deles. Terceiro, a razão mais importante, praticamos amor e santidade porque isso é mandamento de Deus, e essa é a nossa verdadeira natureza como pessoas regeneradas. Vivemos nossas vidas diante da presença de Deus, e, portanto, a santidade é essencial mesmo que nossas falhas nunca levem alguém a tropeçar, ou mesmo quando ninguém sabe sobre elas.

Como mencionamos no início, a universidade *é* o mundo real, isto é, uma parte dele. E como parte do mundo real, ela promove tentações que são comuns a adultos em outras circunstâncias, embora possam se apresentar de formas diferentes. Os fracassos e tragédias espirituais podem acontecer aqui tão rapidamente quanto num ambiente de trabalho, na igreja, ou em casa. E as conseqüências podem ser horríveis tanto quanto. Mas então, os triunfos espirituais são igualmente possíveis e significantes. Portanto, mesmo sem um comentário adicional, você pode aplicar tudo que aprendeu a partir da Escritura sobre recursos e responsabilidades espirituais, e os inimigos e provações que enfrentamos neste mundo.

Nesse momento, muitos de vocês não precisam se preocupar sobre construir uma família ou mesmo ganhar a vida, mas mesmo assim, agora é o tempo de praticar o que a Escritura ensina sobre cobiça, aflição, diligência, labor, esbanjamento, economia, e para alguns, até mesmo investimento. Como uma pessoa solteira, o pecado de adultério não é possível para você no sentido pleno, mas tentações sexuais são muito fortes nessa idade e nesse ambiente. Agora é o tempo de aprender sobre a visão bíblica do sexo, manter a pureza sexual e preparar seu pensamento e caráter para o casamento.

Outras tentações comuns são fáceis de nomear.

Mesmo que não haja aplicações futuras, a integridade acadêmica é importante agora – novamente, você já está no mundo real, e o que você faz importa. Mas realmente existem aplicações futuras. Frequentemente ouvimos de plágios em romances, em obras de não-ficção, em relatos científicos, e assim por diante. Práticas negociais questionáveis são comuns, e algumas vezes se tornam grandes escândalos corporativos. Pessoas são pessoas – elas se tornam mais complicadas, mas nem sempre melhores ou mais espertas. O pecado pragueja a humanidade inteira, e assim, a necessidade do poder de Cristo ser universal.

Casos de abuso de drogas e álcool são sem dúvidas freqüentes no ambiente universitário. Você pensava que eles teriam melhor senso, mas como declarei, estudantes universitários não são inteligentes, e o fato deles pensarem que são, apenas os tornam ainda mais estúpidos. Pareceria que qualquer pessoa que tivesse a quantia mínima de inteligência faria de tudo para evitar a intoxicação, ou qualquer suspensão desnecessária do pensamento claro e juízo sóbrio. Mas quando não existe nada na mente, a autodestruição se torna uma forma de entretenimento.

Esses são assuntos típicos que as pessoas mencionam, mas parece que alguns pecados nunca chamam a atenção que merecem. Por exemplo, a Bíblia enfatiza o discurso que é claro, sóbrio e honesto. Leia todo o livro de Provérbios, e você verá que essa é uma das lições mais importantes que a Escritura deseja ensinar aos jovens. Todavia, o oposto é modelado por pais, amigos, televisão, filmes e música popular. Como você fala importa muito. De fato, mesmo que você não seja confrontado com outras tentações todos os dias, você ainda precisa falar com pessoas, de forma que a santidade na área do falar deveria ser uma preocupação constante.

Que nenhuma desonestidade, vulgaridade e malícia procedam da sua boca. Que um terror santo impeça você de dizer algo que implique irreverência para com Deus, ou que possa ser interpretado como irreverente. O que dizer sobre fofocas? Também é pecado. É melhor ficar quieto ou sem humor do que contra piadas sujas, ou ser entretido por elas. Piadas sobre Deus, doutrinas bíblicas e princípios morais devem ser evitadas.

Alguns cristãos fazem de tudo para evitar parecem pudicos aos incrédulos. Contudo, para fazer realmente isso, os cristãos devem mostrar que eles podem viver assim como os incrédulos, ou que podem ter até mesmo o que os incrédulos chamariam de “divertido”. Mas isso destruiria sua própria fé e testemunho ao invés de contribuir para a conversão de outros. A verdade é que alguns crentes simplesmente desejam ceder às suas antigas luxúrias, e usam essa escusa para parecerem espirituais e mesmo auto-sacrificiais ao mesmo tempo.

O Cristianismo nunca será aceitável ou interessante ao não-regenerado, e poderíamos confrontar a incredulidade desse ponto de partida também. Isto é, ao invés de tentar mostrar que o Cristianismo não é pudico, é mais produtivo simplesmente condenar os incrédulos pela licenciosidade deles. Na universidade, e entre os jovens incrédulos, isso significaria que os estudantes cristãos deveriam mostrar tamanha distinção e superioridade moral que eles às vezes seriam zombados e excluídos, se não algo mais severo. Mas em troca, você seria capaz de falar com autoridade espiritual que vem de outro mundo, e que é digna da atenção das pessoas.

PERGUNTAS E EXERCÍCIOS

- Qual é a definição de apologética? Por definição, o que a apologética deve incluir? O que ela exclui? Por que não dizemos que a santidade é uma parte da apologética *como tal*?
- Por que os incrédulos dizem que as ações falam mais alto que as palavras, e por que eles estão errados sobre isso? Mas por que tantos crentes aceitam essa idéia absurda?
- Os pregadores frequentemente dizem, “Se você não pratica o que prega, então ninguém crerá em você quando falar sobre o evangelho.” Por que essa declaração é falsa? Por que isso equivale até mesmo a um ataque a Deus, ao seu Espírito e ao evangelho? Como esse ensinamento concede justificação antibíblica para os não-cristãos blasfemarem do Senhor e permanecerem em sua incredulidade?
- Então, alguns cristãos afirmam, “Não deveríamos argumentar com as pessoas. Deveríamos apenas pregar o evangelho e deixar as nossas ações testemunharem sobre sua verdade.” Mas se alguém é alegadamente impedida da fé por causa da sua crença na evolução, como nossa conduta santa irá sobrepujar isso? Isso é sequer relevante, ou a relevância é clara?
- Liste algumas das passagens bíblicas que têm sido usadas para apoiar a idéia de que as ações falam mais alto que as palavras, ou que elas falam. Quais são as interpretações e aplicações populares dessas passagens, e por que são errôneas? Leia as mesmas no contexto. Elas certamente ensinam que o viver santo é importante. Mas elas ensinam que nosso viver santo *substitui* a proclamação – se a santidade fala *mais alto*, então deveria tornar a pregação desnecessária – ou a proclamação é tão necessária que é sempre assumida? O conteúdo da proclamação é o que define e julga nossas ações em primeiro lugar.
- Se a santidade não é uma parte integral ou necessária da apologética, ela tem algo a ver com a apologética de alguma forma? Se sim, qual é o seu papel? Como a santidade contribui para o evangelismo e a apologética?
- Os hipócritas estão sempre errados no que afirmam? Se uma pessoa afirma “1+1=2”, mas não age como isso é verdadeiro, então devemos rejeitar a matemática? Da mesma forma, se os hipócritas afirmam e pregam o evangelho, eles desacreditam o evangelho? Como as duas coisas são sequer relevantes uma para com a outra? Ou, a verdade do evangelho é dependente do homem ao invés de Deus?
- É provável que algumas pessoas entenderão isso incorretamente e pensarão que estamos minando a importância de andar em santidade, ou ignorando o ensino bíblico sobre fornecer um modelo de exemplo piedoso diante de cristãos e não-cristãos. Mas é isso o que estamos fazendo? Como essa acusação não entendeu o ponto? Qual é o nosso ponto?
- Quando você ouve de um escândalo na igreja, ou notícias que um líder da igreja caiu em pecado, que pensamentos e sentimentos se levantam dentro de você? E esses pensamentos e sentimentos são bíblicos e racionais? A Bíblia ensina que essas coisas nunca acontecerão, de forma que quando acontecem, minam o Cristianismo? Mas se a Bíblia diz que deveríamos esperar tais coisas, então qual é o problema quando acontecem?

- Algumas vezes a culpa é ainda mais irrelevante, ou pelo menos irrelevante de outras formas. Os sacerdotes católicos são expostos, e o rendimento das igrejas Batistas diminui. Um escândalo espalha-se sobre um líder carismático, e as igrejas Presbiterianas perdem freqüentadores. Um problema ocorre com uma igreja no final da rua, e os membros de outra congregação param de contribuir com sua própria igreja. Por que isso acontece? O que há de errado com o povo? Deveríamos trabalhar para eliminar a hipocrisia, ou condenar reações irracionais e pecaminosas contra a hipocrisia. Sugiro que deveríamos fazer ambas as coisas. Concorda?
- Mas simplesmente porque nossas falhas morais não dão escusas aos incrédulos, não significa que estamos por sua vez escusados quando fazemos com que outros tropecem. Reconhecemos o que a Bíblia ensina sobre o assunto, mas chega de fazer inferências injustificáveis a partir dela. Você alguma vez já contribui para o tropeço espiritual de outra pessoa? O que a Bíblia diz sobre isso?
- Que tentações você enfrenta como um estudante? Liste algumas das mais proeminentes. Como você lida com elas? Você freqüentemente sucumbe? Por que? O que você pode fazer a respeito? Como seus amigos cristãos lidam com elas? Você se coloca em situações onde essas tentações ocorrem?
- Quais são alguns dos pecados negligenciados que freqüentemente ocorrem? O capítulo menciona o falar pecaminoso. Você peca freqüentemente em como fala ou o que diz? Dê exemplos, e considere formas para sobrepujar padrões pecaminosos.
- O que dizer sobre integridade sexual e namoro na universidade? O namoro é bíblico? O que é namoro? Você namora somente alguém com quem planeja casar? Se não, você está deliberadamente buscando uma relação romântica temporária com alguém que não a sua futura esposa. Isso muda como você aborda a situação?
- Muitas das ineficiências no ambiente de trabalho são causadas por pessoas preguiçosas e incompetentes, que trouxeram essas características de suas vidas como estudantes. Observe o trabalho ético pobre e a incompetência de seus colegas, especialmente quando fazendo projetos em grupo. Como você lida com parceiros problemáticos agora? Considere o que significa ter um trabalho ético piedoso. Liste detalhes e exemplos.
- Você pensa que o Cristianismo é pudico, ou ele pode ser divertido? Divertido de acordo com qual padrão? E isso é como a Bíblia descreve o Cristianismo? É mais bíblico fazer nossa fé parecer consistente com o padrão não-cristão de divertido, ou condenar o padrão não-cristão de divertido? O que a Bíblia diz a esse respeito? O que os cristãos tendem a fazer hoje? Por que eles tendem a fazer isso?

Conclusão

Começamos observando que, embora a universidade seja um lugar de preparação para o que vem após, ela não é apenas um lugar de preparação. O que os estudantes fazem ali tem ramificações imediatas e algumas vezes permanentes. Isso significa também que a universidade não é um lugar para experimentação espiritual, ou para aprender à medida que erra. Ela é um lugar não somente para aprendizado, mas para ação. Você não deve apenas praticar, mas deve realizar também. Ela não é apenas um lugar onde você aprende a fazer as coisas certas, mas onde você deve de fato fazer as coisas certas. Essa é a vida “real”. Uma conversão é tão real quando acontece na universidade como quando acontece em outro lugar qualquer. E o mesmo pode ser dito da apostasia. Positivamente isso coloca importância e significado para tudo que você até mesmo pensa como um estudante ainda. Negativamente, isso significa que não há nenhuma escusa para o fracasso, e que quando o mesmo acontece, há um preço a ser pago.

Mencionamos também que transições maiores em nossas vidas nos forçam a reavaliar nossas prioridades. Aqueles que são míopes e mundanos dão preeminência aos novos desafios que chegam em suas vidas quando essas transições ocorrem. Antigos hábitos, mesmo os bons, são algumas vezes abandonados por novos que consideramos convenientes. Essa é uma razão pela qual os crentes professos algumas vezes retrocedem da fé quando entram na faculdade, em algum trabalho ou em novas relações. Contudo, se nossa fé é uma constante que mantemos no centro das nossas vidas, então não importa as mudanças que possam ocorrer ao nosso redor, as mesmas não afetarão nossas prioridades, mas avaliaremos elas imediatamente em relação a nossa fé, e consideraremos como nossa fé pode avançar no meio dessas novas circunstâncias.

Isso nos leva a outro ponto importante. Não devemos nos focar sobre meramente manter nossa fé na universidade, ou em qualquer outra situação na qual Deus nos coloque. Nosso propósito deve ser glorificar a Deus, crescer na fé, e promover o reino. Não é suficiente resistir às influências negativas da universidade, mas devemos procurar influenciá-la pela sabedoria e poder de Cristo. Para fazer isso, devemos tomar medidas agressivas para minar seu fundamento anticristão e introduzir nela a luz do evangelho. Como muitas outras instituições, a universidade tem uma estrutura social e política bem estabelecida, mas essa é a sua única força. Ela não possui nenhum poder espiritual ou intelectual pelo qual possa resistir às idéias cristãs.

O mesmo pode ser dito sobre qualquer outro ambiente. Um cristão no lugar de trabalho não é apenas um empregado tentando permanecer um cristão. Não, ele é um cristão determinado a se infiltrar no lugar de trabalho para promover seu próprio crescimento espiritual e promover a causa de Cristo. Isso não é menos verdade quanto à dona de casa cristã. Afinal, a dona de casa está no mundo “real”, e o que ela faz tem importância.

Finalmente, embora tenhamos nos focado somente em algumas poucas coisas, os desafios que ocorrem para um estudante incluem mais que os pontos óbvios com respeito à espiritualidade e vida acadêmica. Ele deve considerar também seus relacionamentos, finanças, saúde, dieta, sono, e assim por diante. Como não podemos cobrir todas as áreas aqui, devemos remeter nossos leitores aos nossos outros materiais, encojando o estudo e reflexão próprios, e recomendando-os à graça de Deus.